

4ª Edição do

**Semana Acadêmica de
Medicina
Veterinária**

**21 a 24 de setembro de 2016
SAMEV
Patos - PB**

Anais

EDITORIAL

Presidente e Vice-presidente da 4ª Edição do SAMEV

Cynthia Dayanne Sena Lima
Robério Gomes de Souza

Comissão científica

Dra. Tatiane Rodrigues da Silva
MSc. Fernanda Vieira Henrique
Dr. Glauco José Nogueira de Galiza
Dr. Gildenor Xavier Medeiros
Dr. Severino Silvano dos Santos Higino
Dra. Olivia Maria Moreira Borges

Professor responsável pelo evento

Dr. Antônio Flávio Medeiros Dantas

COLECTOMIA SUBTOTAL EM FELINO: RELATO DE CASO

OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio Gonçalves¹; AZEVEDO, Ana Clara de França Silva²; SILVA, Leonardo de Barros²; MEDEIROS, Lylian Karlla Gomes³; FELIPE, Gracineide da Costa ³; REGO, Renato Otaviano⁴; GOMES, Iara Macedo de melo⁵; BEZERRA, Leiliane Silva⁶; ALVES, Hênio Dorgival Lima³; NÓBREGA NETO, Pedro Isidro⁷

1 Graduando de Medicina Veterinária na UFCG-Patos. junior.vet88@gmail.com;

2 Residente de Cirurgia de Pequenos Animais da UFCG-Patos. annaclarafranca@hotmail.com;
leonardovet1@gmail.com;

3 Residente de Anestesiologia Veterinária da UFCG-Patos. lyliankarlla@hotmail.com;
nevde19@gmail.com; heniodorgi@gmail.com;

4 Cirurgião de Pequenos Animais da UFCG-Patos. renato_otaviano@yahoo.com.br;

5 Residente de Diagnóstico por Imagem da UFCG-Patos. iaramacedom@hotmail.com;

6 Residente de Clínica de Pequenos Animais da UFCG-Patos. leilianemedvet@hotmail.com;

7 Docente de Anestesiologia e Técnica Cirúrgica Veterinária da UFCG-Patos.
pedroisidro@ymail.com;

Palavras-chave: Cirurgia exploratória; Fecaloma; Megacólon.

O megacólon é uma patologia caracterizada por uma dilatação importante do cólon, com ausência de peristaltismo e presença de constipação e retenção fecal, podendo ser de origem congênita ou adquirida. Objetivou-se relatar um caso de colectomia subtotal em um felino. Foi atendido no HOVET-UFCG um felino macho, SRD, com 5 anos de idade e pesando 4,8 kg. O proprietário relatou que o animal estava sem defecar havia cerca de 3 dias. Tinha como histórico ter sido submetido a seis cirurgias de enterotomia para retirada de fecaloma. No exame clínico verificou-se mediante a palpação abdominal a presença de uma massa endurecida e desconforto do animal. Na radiografia foi visualizado aumento do diâmetro das alças intestinais com presença de material radiopaco intraluminal. Na ultrassonografia, evidenciou uma intensa reverberação intraluminal na região de cólon. Através dos sinais clínicos e exames de imagem elaborou-se o diagnóstico de megacólon e por ser recidivante, optou-se pela realização de uma colectomia subtotal. Empregou-se a antibioticoterapia profilática com ceftriaxona (30 mg/Kg, IV). A medicação pré-anestésica foi acepromazina (0,1 mg/kg, IV) associada à meperidina (2 mg/kg, IV). A indução anestésica foi realizada com propofol (4 mg/kg, IV) e a manutenção com isoflurano em oxigênio à 100%. Aplicou-se ainda, anestesia epidural com lidocaína (0,22 ml/kg) e tramadol (1 mg/kg). Realizou-se incisão pré-retro-umbilical mediana e, após exploração do abdome, isolou-se o intestino delgado distal, ceco e cólon. Realizou-se a ligadura e transecção dos ramos da veia e artéria ilíacas, artéria e veia ileocólicas, artéria e veia mesentéricas caudais e artéria e veia retais craniais. Retirou-se as fezes do cólon dilatado da porção a ser ressecionada e colocou-se uma pinça intestinal proximal e outra distal ao local planejado para a ressecção. Após a ressecção e anastomose, a a miorrafia com fio mononylon 2-0 e padrão Sultan, a redução de espaço morto subcutâneo com fio poliglactina 910 3-0 e padrão vai-e-vem e a dermorrafia com fio mononylon 3-0 e padrão simples descontínuo. Para o pós-operatório foi prescrito antibiótico, anti-inflamatório, analgésico e dieta pastosa. O animal retornou após 9 dias com histórico de vômito, anorexia e ausência de defecação. Na ultrassonografia observou-se ausência de fezes e peritonite. O animal ficou internado recebendo tratamento de suporte, porém foi a óbito após 14 dias de cirurgia. Conclui-se a colectomia subtotal é uma opção cirúrgica em casos de megacólon recidivante, porém o prognóstico pode ser desfavorável.

EFEITOS DO SULFATO DE CONDROITINA SOBRE CARTILAGEM ARTICULAR: REVISÃO SISTEMÁTICA

SEGUNDO, Francisco Alipio de Sousa Segundo¹; AZEVEDO, Adílio Santos de³; SILVA, Ana Clara de França³; LOPES, Paulo Wbiratan da Costa⁴; CAVALCANTE, Morgana Alves⁴; FONSECA JÚNIOR, Aldcejam Martins da⁴; ARRUDA, Luis Fernando Batista⁴

1 Médico Veterinário Autônomo. fas.segundo@hotmail.com;

2 Prof. Dr., Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus Sousa. adilio_vet@yahoo.com.br;

3 Residente, Universidade Federal de Campina Grande, campus Patos. annaclarafranca@hotmail.com;

4 Graduando, Medicina Veterinária, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus Sousa. morgannacavalcante@hotmail.com; paulo_wbiratan@hotmail.com; aldcejamjunior@hotmail.com; luis_fernando03@hotmail.com;

Referências:

FRISBIE, D. D.; MCILWRAITH, C. W.; KAWACK, C. E.; WERPY, N. M. **Evaluation of intra-articular hyaluronan, sodium chondroitin sulfate and N-acetyl-D-glucosamine combination versus saline (0.9% NaCl) for osteoarthritis using an equine model.** Vet J. v. 197, n. 3, p. 824-829. 2013

WOLFF, R. B. **Glucosamine and chondroitin sulfate association increases tibial epiphyseal growth plate proliferation and bone formation in ovariectomized rats.** Clinics. v. 69, n. 12, p. 847-853, 2014.

Palavras-chave: Condrotetor; Glicosaminoglicanas; Osteoartrose.

O sulfato de condroitina é glicosaminoglicano que pode ser encontrado na cartilagem de animais e em formulações comerciais de medicamentos considerados condromoduladores. Os condromoduladores possuem como principal atividade o retardo ou diminuição do avanço de doenças degenerativas de cartilagens, entre elas a osteoartrose. Devido ao caráter crônico e progressivo da osteoartrose o uso de condromoduladores é intenso na medicina veterinária, apesar disso a eficácia desses fármacos ainda é controversa. O presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento literário sistemático de trabalhos relatando os efeitos do sulfato de condroitina. Foi realizada uma busca nas bases de dados Pubmed, Lilacs e Scielo no período compreendido entre 2010 e 2016. Os termos de indexação utilizados na pesquisa foram “cartilage”, “chondroitin”, “glucosamine”, “joint” e “osteoarthritis”. Os critérios para inclusão de artigos na seleção foram, revisões sistemáticas, metanálises e ensaios clínicos randomizados que avaliassem o uso da condroitina em articulações com osteoartrose de animais. O levantamento resultou em um total de 147 artigos encontrados, após a aplicação dos critérios de inclusão, apenas 11 trabalhos permaneceram na seleção. A grande maioria de artigos encontrados foram publicados em anos anteriores a 2010, o que sugere uma escassez de pesquisas recentes utilizando condromoduladores em casos de osteoartrose. As espécies alvos de estudo foram equinos, caninos e ratos. As pesquisas envolvendo equinos com osteoartrite, apesar de em menor número, tiveram resultados favoráveis na utilização de condroitina, apresentando melhora na avaliação de dor clínica e um estímulo na proliferação de tecidos ósseo e cartilaginoso. Os caninos com osteoartrose tratados com condromoduladores apresentaram respostas controversas, com resultados positivos e negativos relatados, o mesmo ocorreu com os estudos utilizando ratos. O efeito dos condromoduladores pode estar associado a via de aplicação, o tempo de tratamento e o comprometimento articular, isso provavelmente elucidada as controvérsias encontradas na literatura. Conclui-se que a condroitina possui potencial terapêutico, mas, são necessários estudos que preencham as lacunas de entendimento existentes sobre sua utilização.

ÚLCERA EM MELTING UNILATERAL POR *Pseudomonas aeruginosa* EM UM CÃO – RELATO DE CASO

SANTOS, Francisco Charles¹; TANIKAWA, Atticcus²; PEREIRA, Edinete Lúcio³; SOARES, Karoline Lacerda⁴; MATOS, Rodrigo Antônio Torres⁵; PIMENTA, Carla Lauiise Rodrigues Menezes⁶; SOLANO, Gustavo Beserra⁷; SOUZA, Almir Pereira de⁸; SANTANA, Vanessa Lira⁹

1 Aluno de graduação, Medicina Veterinária, UFCG, charlessmedvet@gmail.com;

2 Pós-graduação, Medicina Veterinária, UFCG, atcsvet@hotmail.com;

3 Aluna de graduação, Medicina Veterinária, UFCG, edinetelucio@gmail.com;

4 Aluna de graduação, Medicina Veterinária, UFCG, karoline_lacerda@hotmail.com;

5 Aluno de pós-graduação, Medicina Veterinária, UFCG, rodrigotmatos@hotmail.com;

6 Aluna de pós-graduação, Medicina Veterinária, UFCG, carlalauiise@hotmail.com;

7 Médico Veterinário autônomo, gustavo.solano@yahoo.com.br;

8 Professor, Doutor, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, almir@cstr.ufcg.edu.br;

9 Doutora em Medicina Veterinária, vanessaliras@yahoo.com.br;

Palavras-chave: Infecção ocular; Microbiologia; Ceratopatia; Oftalmologia.

A úlcera de córnea é decorrente do contato com materiais lesivos, traumas, corpos estranhos, anormalidades anatômicas, entre outros. Uma das formas de ocorrência da ceratite ulcerativa é ocasionada pela bactéria *Pseudomonas aeruginosa*. Alguns autores afirmam que a córnea apresenta aspecto amolecido e mucoide, diante das ações de enzimas proteolíticas, desencadeando uma resposta com proteoglicanos estomáticos que degradam o colágeno corneano, derivando a destruição dos tecidos orgânicos, edema, e infiltrado polimorfonuclear, consequentemente, pode transformar-se em uma úlcera de caráter evolutivo. Foi atendido no Hospital Veterinário (HV) do Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), um cão, 2 anos e 3 meses da raça pinscher com queixa principal de que estava apresentando irritação no olho direito e tinha sido feita limpeza com solução fisiológica e instilação de diclofenaco sódico colírio (Still®). O animal foi encaminhado por um Médico Veterinário que notou a presença de aumento de volume na córnea e uma área esbranquiçada na região central. Ao exame oftalmológico do olho esquerdo notou-se a presença de edema corneal difuso com coloração branco-acinzentada e presença de uma área central avermelhada. Foi realizado teste de Schirmer I, reflexos de ameaça, ofuscamento, corneal, palpebral, pupilar (direto e consensual). As únicas alterações encontradas foram a diminuição dos reflexos de ameaça e ofuscamento. Foi realizada a coleta de amostra da córnea com auxílio de um swab, o qual foi armazenado em um tubo de ensaio contendo o meio de transporte Stuart, em seguida a mesma foi encaminhada para o Laboratório de Microbiologia Veterinária do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT)-UFCG-CSTR-Campus de Patos. A amostra foi cultivada em meios de cultura agar sangue ovino desfibrinado a 5%, agar MacConkey e agar Sabouraud, e as mesmas foram incubadas em estufa a 37°C por 48 horas. A bactéria isolada foi *Pseudomonas aeruginosa*. Com base no resultado microbiológico e nos aspectos clínicos, o diagnóstico conclusivo foi Úlcera em Melting por *Pseudomonas aeruginosa*. O tratamento estipulado, com base no antibiograma, foi a base de Ofloxacino colírio 0,3% (6 vezes ao dia durante 30 dias), Cetorolaco trometamol 0,5% (3 vezes ao dia durante 5 dias) e Tropicamida tópica (3 vezes ao dia durante 7 dias). Ao final dos 30 dias do tratamento o animal apresentou remissão completa dos sinais. Ressalta-se a importância do uso de exames complementares como a cultura microbiológica e o antibiograma para que se possa encontrar o agente etiológico e combatê-lo, já que as respostas patológicas da córnea são semelhantes em diversas afecções.

COLANGIOHEPATITE EM CANINO – RELATO DE CASO

FREIRE, Laís Querino Barboza¹; HENRIQUE, Gabriela Santina Costa¹; COSTA, Kaliane¹; MEDEIROS, Yasmim Cristine Costa de¹; TORRES, Carlosman de Medeiros¹; MONTEIRO, Lorena Lúcia Cardoso¹; ARAÚJO SOBRINHO, José Paulo de¹; SARMENTO, Alinne Emanuelle Monteiro²; RAMOS, Luana Teles³

1 Graduando do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba – UFPB
laisqbfreire@gmail.com;

2 Aluno do programa de Residência em Clínica Médica de Pequenos Animais, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba-UFPB

3 Aluno do programa de Residência em diagnóstico em Medicina Veterinária, Área Diagnóstico Laboratorial, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba-UFPB

Referências:

- PEREIRA, Eloísa da Silva. **Complexo Colangite-Colangiohepatite em felinos domésticos**. UFRGS ,2009.62 p. Monografia (Graduação) –Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- MORAILLON, Robert et al. **Manual Elsevier de Veterinária, diagnóstico e tratamento de cães, gatos e animais exóticos**. Tradução: Carolina Dagli.7ª Edição. São Paulo: Editora Elsevier,2013.

Palavras-chave: Cadela; Hepatopatias; Colangite.

A colangiohepatite ou colangite é definida como a inflamação primitiva dos ductos biliares, que se estende ao parênquima hepático. Felinos estão mais predispostos a apresentar esta enfermidade devido às particularidades anatômicas da espécie, nestes o ducto pancreático maior se une ao ducto hepático comum antes de sua abertura no duodeno, possibilitando que ocorra a ascensão bacteriana a partir do intestino e assim aumentando a probabilidade da ocorrência desta patologia. Em cães os ductos pancreáticos maior e hepático comum estão bastante próximos, mas nunca se cruzam o que faz com esta espécie esteja menos predisposta a casos de colangiohepatite. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de colangiohepatite em um canino, Fêmea, 2 anos, sem raça definida, atendida no Hospital Veterinário -UFPB. O animal deu entrada no hospital com queixa principal de inapetência e emagrecimento progressivo após o parto. Ao exame físico observou-se que o animal estava alerta e que seus parâmetros fisiológicos se encontravam dentro do padrão de normalidade descrito pela literatura, mas apresentava desidratação de 7%, mucosas ictéricas, caquexia, ascite e vômito. Na tentativa de elucidar o diagnóstico foram solicitados os seguintes exames complementares: hemograma, bioquímico, avaliação de líquido peritoneal e ultrassonografia. No hemograma foi observada anemia normocítica hipocromica arregenerativa, seguido de leucocitose neutrofílica e linfocitose. No exame bioquímico foi constatado hipoalbuminemia, hipouremia e um relevante aumento da fosfatase alcalina. Na avaliação da efusão peritonial não foi observada nenhum tipo de alteração conclusiva. Já na ultrassonografia, além do líquido livre na cavidade abdominal entre os lobos hepáticos, o animal também apresentou espessamento da parede vesicular, característico em casos de colangiohepatite. A partir dos dados coletados através do exame clínico e exames complementares chegou-se ao diagnóstico de colangiohepatite, e a partir disto foi instituído o seguinte protocolo de tratamento: Furosemida 2mg/kg comprimido BID, Cobavital 4mg/kg comprimidos BID por 30 dias, Glicopan 5,5ml SID, Silamarina 70 mg/kg comprimido BID por 30 dias. Foi iniciado o tratamento, mas, o animal não apresentou melhora e veio a óbito dois dias após sua entrada no hospital. A colangiohepatite é uma doença de alta severidade, e que pode trazer danos irreversíveis ao animal, caso não seja instituído o tratamento adequado. A baixa incidência desta enfermidade em cães dificulta o diagnóstico, e requer uma atenção especial de médicos veterinários, para que seja realizado o diagnóstico e instituído tratamento em tempo hábil para possibilitar a recuperação do animal.

EMBOLISMO FIBROCARILAGINOSO EM CÃO –RELATO DE CASO

ALEXANDRE, Peterson Renê da Silva¹; AZEVEDO, Ana Clara de França Silva²; SILVA, Leonardo de Barros²; REGO, Renato Otaviano do³; MEDEIROS, Lylian Karlla Gomes²; FERREIRA, Gracineide da Costa²; GOMES, Iara Macedo de Melo²; GONÇALVES, Vinicius Mendes²; LIMA, Telma Sousa²; NÓBREGA NETO, Pedro Isidro da⁴;

1 Graduando, UFCG, peterston_ren3@hotmail.com;

2 Residente, UFCG-Patos/PB, annaclarafranca@hotmail.com; leonardovet1@gmail.com;

lyliankarlla@hotmail.com; neyde19@gmail.com; iaramacedom@hotmail.com;

viniciusmg_mme@hotmail.com; telmasousava@hotmail.com;

3 Médico Veterinário, UFCG-Patos/PB, renato_otaviano@yahoo.com.br;

4 Docente e Responsável pelo setor de Cirurgia de Pequenos Animais, UFCG-Patos/PB, pedroisidro@gmail.com;

Palavras-chave: Embolismo; Mielopatia; Isquemia; Pediclectomia.

Doença do disco intervertebral (DDIV) é uma causa comum de disfunção neurológica em cães, ocasionados pela extrusão (Hansen I) ou protrusão (Hansen II) de material do disco intervertebral para o interior do canal vertebral comprimindo a medula espinhal. A mielopatia por embolismo fibrocartilagenoso é uma síndrome caracterizada por um infarto agudo da medula espinhal causada por êmbolos de fibrocartilagem histologicamente idênticos ao núcleo pulposo dos discos intervertebrais. O diagnóstico é baseado na história clínica, no exame físico, neurológico e através de exames complementares de imagem como radiografia simples e mielografia. O diagnóstico definitivo é concluído pela presença de êmbolos de fibrocartilagens intravascular através de exames histopatológicos e necrose do segmento medular envolvido. O objetivo do presente estudo é relatar um caso de embolismo fibrocartilagenoso associado à extrusão do disco intervertebral em um cão, macho, SRD, 5 anos, apresentando histórico de queixa de dor repentina, sem presença de objetos que pudessem ter machucado. Sem controle urinário e fecal. Ao exame físico foi observado taquipnéia e estado de alerta. No exame neurológico observou-se paralisia dos membros pélvicos, reflexos de flexão diminuídos, tônus muscular aumentado, reflexo perineal diminuído, ausência de dor profunda, reflexo cutâneo entre L3-L4. Como exames complementares foram solicitados hemograma que apresentava leucocitose e aumento das proteínas plasmáticas, radiografia simples e mielografia evidenciando-se edema intramedular grave no segmento de L1-L2 havendo interrupção total da coluna de contraste. Além de adelgaçamento no espaço subaracnóide na T13. Diante do histórico, achados clínicos, neurológicos e dos exames complementares, estabeleceu o diagnóstico presuntivo de doença do disco intervertebral. Foi indicado o tratamento cirúrgico, porém o cão teve uma parada cardiorrespiratória durante a cirurgia, ocasionando o óbito. Na necropsia, observou-se área focalmente extensa de hemorragia subdural a altura das vertebrae lombares. Histologicamente havia área focalmente extensa de vacuolização na substância branca, dilatação periaxonal e esferoides axonais, células Gitter no interior de axônios degenerados. Na substância cinzenta áreas multifocais de cavitações com rarefação do neurópilo, presença de células Gitter, cromatólise neuronal e inúmeros vasos sanguíneos ocluídos, parcial por trombos fibrocartilagenosos. Diagnosticado com mielopatia por oclusão vascular fibrocartilagenosa secundária a doença do disco intervertebral. O relato expõe a importância da associação da extrusão do disco intervertebral e embolismo fibrocartilagenoso no diagnóstico diferencial de cães com sinais clínicos de perda aguda dos movimentos dos membros, sendo o exame histopatológico importante para o diagnóstico definitivo.

ANALISANDO AS TÉCNICAS DE COLETA DE AMOSTRAS CITOLÓGICAS

RAMALHO, Gisele Cândida¹; BORGES, Olivia Maria Moreira²; SOUZA Almir Pereira de³

1 Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;

2 Doutoranda, Clínica Médica de Pequenos Animais (CMPA), Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária (PPGMV), UFCG, Patos-PB.

3 Professor, Doutor, PPGMV, UFCG, Patos-PB.

Palavras-chave: Metodologia; Citologia; Ferramenta diagnóstica.

Objetivou-se com este estudo descrever informações sobre as coletas de material para análise citológica na rotina clínica de cães. Selecionou-se 218 laudos citológicos de cães atendidos em uma clínica particular e no Hospital Veterinário/UFCG, do município de Patos-PB. Avaliou-se informações sobre caracterização macroscópica, métodos de coleta, número de lâminas e conclusão diagnóstica. A caracterização macroscópica foi pontuada de 0-10, conforme formato, cor, tamanho, número, temperatura, consistência, localização, distribuição, conteúdo e odor, atribuindo-se um ponto (P) para cada item. Na macroscopia, constatou-se P1: 17,43%; P2: 16,05%; P3: 18,34%; P4: 16,98%; P5: 13,76%; P6: 6,43%; P7: 2,3% e P8: 0,92%. Nenhum laudo obteve a pontuação máxima (P=10), e, em 7,79% não foi visto descrição macroscópica (P=0). Quanto aos métodos de coleta, observou-se que 83,95% descreviam e 16,05% não descreviam a opção utilizada. A escarificação foi utilizada nas lesões planas (100%), cutâneas profundas (100%), pápulas (100%) e eritematosas (40%). A PAAF foi o método para a punção medular (100%), nódulos (78,7%), aumentos de volume (77,8%) e para líquidos cavitários (100%). O imprint foi o método de escolha nas lesões ulceradas (100%), exsudativas (92,3%), cutâneas superficiais (72,7%), eritematosas (66,7%) erosivas (50%) e descamativas (33,3%). O número de laudos que não continham informações sobre os dispositivos de coleta correspondeu a 63,76%. Dos dispositivos descritos, as agulhas de tamanho 25/7 se sobressaíram (11,46%), seguida do swab (9,17%) e da lâmina de bisturi (6,88%). Quanto ao número de lâminas para análise, constatou-se que aquelas \geq três lâminas corresponderam a 66,95%, e de 1-2 lâminas (33,05%). A maior taxa de diagnóstico foi obtida com a quantidade mínima de 3 (82,97%) e 4 (81,39%) lâminas. Por outro lado, amostras com apenas uma lâmina não obtiveram uma porcentagem diagnóstica desejável (4%). Foi possível obter diagnóstico em 71,56% das análises. Em 28,44% não se constatou diagnóstico, necessitando da repetição da coleta ou de outros exames complementares. Conclui-se que é necessário realizar descrição macroscópica minuciosa da lesão, sempre pontuando o máximo de caracterizações possíveis. O método e dispositivo de coleta devem sempre ser expostos no laudo, bem como estar adequados ao tipo de lesão observada. No mínimo três lâminas devem ser confeccionadas para avaliar uma lesão. As informações descritas demonstram-se necessárias, de modo que a citologia possa ser adequadamente utilizada na rotina da clínica médica canina.

HIDROCEFALIA CONGÊNITA EM UM CÃO: RELATO DE CASO

ARAÚJO, Micaely Alves¹; CARVALHO, Carolina Barbosa²; GOMES, Iara Macedo de Melo³; OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio Gonçalves de¹; SOUZA, Almir Pereira de⁴

1 Aluno do curso de Medicina veterinária da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos-PB.

micaely_alves@hotmail.com; junior.vet88@gmail.com;

2 Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos-PB.

carol_zoo@hotmail.com;

3 Residente em Diagnóstico por Imagem, Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos-PB.

iaramacedom@hotmail.com;

4 Professor, Doutor, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Patos-PB. almir@cstr.ufcg.edu.br;

Palavras-chave: Neurologia; Ataxia; Corticóide; Radiografia.

A hidrocefalia caracteriza-se por ser uma disfunção que causa um aumento de volume do líquido cefalorraquidiano (LCR), com dilatação dos ventrículos, ocasionando destruição e atrofia do parênquima encefálico. Podendo ser congênita ou adquirida, sendo a congênita causada por eventos que ocorrem durante o desenvolvimento fetal, ou por anormalidades genéticas. O objetivo desse trabalho é relatar um caso de hidrocefalia atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Patos-PB, de uma cadela, da raça pinscher, com um mês de idade. Na anamnese foi relatado que o animal apresentava dificuldade para ficar em estação e se locomovia apenas quando tinha um apoio como, por exemplo, a parede e mesmo assim ainda caía. Foi feito o exame neurológico que consistiu em observações gerais como postura, análise da locomoção, testes de reações posturais, testes dos nervos cranianos, reflexos segmentares espinhais e avaliação sensitiva, no exame neurológico foi constatado apenas ataxia. No exame clínico foi observado aumento do volume da calota craniana e fontanelas não persistentes, sem mais alterações clínicas. Nos exames complementares de ultrassonografia e radiografia craniana observou-se uma distensão dos ventrículos por um líquido anecóico homogêneo, porém, com a conformação craniana preservada. Diante do conjunto dos achados clínicos, neurológicos e dos exames complementares, confirmou-se o diagnóstico de hidrocefalia congênita. O tratamento utilizado foi farmacológico, sendo prescrito prednisolona 0,5 mg/Kg cada 12 horas, furosemida 2 mg/Kg cada 12 horas, e omeprazol 0,7 mg/Kg a cada 24 horas. Esses medicamentos visam reduzir o edema e a produção do LCR. Foram solicitados retornos a cada 20 dias para acompanhamento. Com a melhora clínica do animal as doses dos fármacos foram reduzidas até serem retirados em sua totalidade. Por ser uma doença com um prognóstico reservado a maioria dos casos de hidrocefalia resultam em óbito ou eutanásia. O animal descrito obteve melhora clínica significativa com a terapêutica empregada, e encontra-se com qualidade de vida e sem tratamento clínico, recebendo acompanhamento trimestral.

AVALIAÇÃO DA CONTAGEM DIFERENCIAL DE LEUCÓCITOS EM DIFERENTES PORÇÕES DO ESFREGAÇO SANGUÍNEO

BERNARDINO, Maria das Graças da Silva¹; MEIRELES, Maria Vanuza Nunes de²; SATAKE Fabiana³

1 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Medicina Veterinária, UFCG, Patos/PB

2 Residente no Laboratório de Patologia Clínica, UFERSA, Mossoró/RN

3 Professor adjunto do Departamento de Ciências Veterinárias, UFPB, Areia/PB.

Palavras-chave: Hematologia; Distribuição leucocitária; Monócitos; Morfologia.

Atualmente, em decorrência do avanço tecnológico, o hemograma de mamíferos é realizado através de contadores hematológicos eletrônicos, cujos resultados são considerados precisos. Porém, ainda é imprescindível realizar concomitantemente a contagem diferencial de leucócitos nos esfregaços sanguíneos. Diante da importância desse método no laboratório de Patologia Clínica, torna-se necessário investigações relacionadas à sua precisão. Em virtude disso, o estudo teve como objetivo avaliar a distribuição leucocitária na contagem diferencial de leucócitos em diferentes porções do esfregaço sanguíneo em cães. A contagem foi realizada em 50 lâminas de extensão sanguínea, coradas com Panótico, de cães da cidade de Areia-PB. A lâmina foi dividida em 3 porções: inicial (margem inicial não ultrapassando o meio do esfregaço), média (margem do meio do esfregaço) e final (margem do meio até o início da cauda do esfregaço). A contagem foi realizada pelo método de muralha (torre), sob imersão (100X), sendo contados 100 leucócitos em cada porção. Além disso, para aumentar a confiabilidade dos resultados, realizou-se a contagem das 3 porções no lado direito e esquerdo do esfregaço sanguíneo, em seguida calculou-se a média de cada porção. Para análise estatística, os dados foram submetidos ao teste de normalidade Shapiro-Wilk e em seguida a comparação entre dos grupos foi feita pelo teste Tukey ou Kruskal-Wallis à 5% de significância, através do programa estatístico BioEstat 5.3. Os valores médios seguidos do desvio-padrão da porção inicial, média e final respectivamente: Metamielócito ($0,09 \pm 0,31$; $0,10 \pm 0,35$; $0,09 \pm 0,37$), Neutrófilo Bastonete ($1,26 \pm 1,27$; $1,22 \pm 1,23$; $1,47 \pm 1,50$), Neutrófilo Segmentado ($54,73 \pm 10,99$; $54,30 \pm 11,12$; $54,69 \pm 11,46$), Linfócito ($25,56 \pm 10,97$; $25,63 \pm 11,29$; $22,70 \pm 11,69$), Eosinófilo ($12,11 \pm 7,30$; $11,73 \pm 6,80$; $13,20 \pm 8,03$), Monócito ($5,53^c \pm 2,92$; $6,23^b \pm 2,81$; $6,99^a \pm 3,36$) e Basófilo ($0,72 \pm 0,90$; $0,79 \pm 0,80$; $0,86 \pm 1,13$). Após a avaliação estatística dos resultados da contagem relativa de leucócitos nas diferentes porções dos esfregaços sanguíneos, constatamos que a distribuição dos monócitos é irregular, pois a medida que a contagem se aproximou da cauda houve um aumento progressivo na presença de monócitos. Esse dado mostra que apesar da confecção de esfregaços sanguíneos bem feitos e treinamento da equipe técnica, ainda é possível ocorrer variações nos resultados obtidos na contagem diferencial.

CUIDADOS COM CÃES E GATOS NAS COMUNIDADES RURAIS NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ-RN.

COSTA, Vanessa Kaliane Nunes da¹; NOBRE, Claudia Rafaela Soares²; ANDRADE NETO, Domingos³; MELO, Francisco das Chagas Silva de⁴; MARQUES, Kayana Cunha⁵; SILVA, Thayane Cristina Carneiro⁶; NILZA, Dutra Alves⁷; FEIJÓ, Francisco Marlon carneiro⁸ AMORA, Sthenia Santoa Albano⁹; SANTOS, Caio sergio¹⁰

1 Discente do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Tecnologia e Sociedade da UFERSA. kalianencosta@hotmail.com;

2 Discente de graduação em medicina veterinária da UFERSA. rafinhairma@hotmail.com;

3 Discente de graduação em medicina veterinária da UFERSA. domingos.netto@hotmail.com;

4 Discente de graduação em medicina veterinária da UFERSA. meloidiarn@gmail.com;

5 Discente de graduação em medicina veterinária da UFERSA. kayanamarques@hotmail;

6 Discente de graduação em medicina veterinária da UFERSA. taiane@live.com;

7 Docente do curso de medicina veterinária da UFERSA. nilzadutra@yahoo.com.br;

8 Docente do curso de medicina veterinária da UFERSA. marlon@ufersa.edu.br;

9 Docente do curso de medicina veterinária da UFERSA. stheia@ufersa.edu.br;

10 Médico veterinário técnico do laboratório de microbiologia veterinária da UFERSA. caiosergio@ufersa.edu.br;

Palavras-chave: Guarda responsável; Bem-estar; Animais domésticos; Assentamentos.

Os laços de proximidade entre os seres humanos e os animais domésticos se estreitaram significativamente, porém, muitas vezes por falta de conhecimento dos tutores, esses cães e gatos não recebem os devidos cuidados, de forma que promovam as condições de bem-estar e garantam a qualidade de vida desses indivíduos. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo avaliar os cuidados com cães e gatos nas comunidades rurais de Mossoró- RN. Para tanto foram aplicados questionários a moradores de 4 comunidades rurais de Mossoró- RN que possuíam cães ou gatos em casa, totalizando 129 entrevistados. Os questionados responderam perguntas referentes aos cuidados que direcionavam aos seus animais, como se eram vacinados, vermifugados, se já haviam sido levados ao veterinário. Esse projeto obteve aprovação pelo comitê de ética da UERN-CEP.UERN e foi aprovado com o nº de parecer 1.020.216 com data de relatório de 07/04/2015. Após análise dos dados verificamos que em relação a vacinação para raiva, 97,5% da população canina encontrava-se vacinada, enquanto que apenas 2,5% não foram vacinados. Para os felinos tivemos que 84,37% realizaram a vacinação, enquanto que 15,62% não foram vacinados. A vacinação deve ser realizada por seus tutores em animais hígidos. O Estado realiza por meio de campanhas educativas a vacinação, mas apenas a antirrábica. Embora as vacinas polivalentes façam parte do esquema obrigatório, dificilmente são fornecidas. A vacinação antirrábica nas comunidades rurais, muitas vezes ocorre através dos agentes de saúde que se locomovem para cada residência, sendo impossibilitados de realizar a administração apenas se o tutor não conseguir conter o seu animal, ou, se o mesmo no momento não se encontrar no domicílio. No entanto, as outras doenças que poderão ser prevenidas através de vacinas não são administradas nestes animais, provavelmente isso acontece porque muitos não têm o conhecimento sobre essas doenças ou não tem condições financeiras para administra-las. Quando questionados sobre a vermifugação, 75% dos cães não foram vermifugados e 25% vermifugados. Em se tratando da população felina, 84,72% não foram vermifugados e somente 15,27% foram vermifugados. Tanto a vacinação como a vermifugação devem ser amplas e, portanto, acessíveis a população. Ao promover a sanidade, o bem-estar animal será elevado e contribuirá para diminuir os riscos da transmissão das zoonoses. Portanto, pode-se concluir que será necessária uma forte prática de ações educativas voltadas para sensibilização da população no que tange aos cuidados adequados com seus cães e gatos, além do que o estado deverá adotar medidas que possam contribuir para que a população possa cuidar dos seus animais.

ADENITE SEBÁCEA EM CÃO DA RAÇA LHASA APSO: RELATO DE CASO

CHACON, Luciano Cavalcante¹; MODESTO JÚNIOR, João¹; MORAIS, Marco César Batista de¹; PAIVA, Silvano Alves de¹; PAIVA, Celso Carlos Pinheiro Lamartine²; SILVA, Jardel Bezerra da³; COSTA, Wirton Peixoto⁴

1 Médicos Veterinários, autônomos. lucianoarez@yahoo.com; jmjmodesto01@gmail.com; silvano_uzl@hotmail.com;

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Produção Animal – UFERSA. celsolamartinepaiva@hotmail.com;

3 Mestrado em Ciência Animal – UFERSA. jardelbezerra@bol.com;

4 Professor do Departamento de Ciências Animais - UFERSA. ppgz@cca.ufpb.br;

Palavras-chave: Doenças Dermatológicas; Clínica Veterinária; Descamação; Alopecia.

A adenite sebácea é uma dermatopatia de desordem inflamatória, presente em algumas raças de cães e raramente em gatos, levando-se a crer que se trata de uma genodermatose, com herança autossômica recessiva, centrada primariamente na degeneração e atrofia da glândula sebácea. Essa dermatopatia não é comum na raça Lhasa Apso, porém quando presente, se caracteriza pela semelhança a várias afecções dermatológicas. Descreve-se um caso de adenite sebácea diagnosticado no Hospital Veterinário Amigo Bicho, na cidade de Natal/RN, onde um cão da raça Lhasa Apso, com seis anos de idade, pertencente a proprietário particular, apresentou um quadro dermatológico crônico com descamação, lesões de circulares, prurido intenso no corpo e ouvidos, alopecia na cauda e presença de descamação na região do dorso. O proprietário relatou no histórico clínico que o animal apresentava sintomas dermatológicos desde dois anos de idade, passando por diversos profissionais, mas sem resolução do problema. Foi relatado também no histórico clínico que a mãe e irmãos do paciente apresentavam sintomas semelhantes. Na avaliação clínica geral do animal, não foram verificadas alterações dos parâmetros fisiológicos. A suspeita clínica dermatológica era de um quadro de dermatite alérgica, mas realizou-se biópsia de pele para exame histopatológico e raspado cutâneo, coletadas das regiões do flanco, cervical e dorso, como forma de se chegar a um diagnóstico definitivo. O raspado cutâneo apresentou resultado negativo para sarna demodex e malassezia, porém o histopatológico revelou um quadro de adenite sebácea em fase crônica. O exame histopatológico detectou que as regiões cervical, dorsal e do flanco, apresentavam hiperqueratoses epidérmicas e infundibulares moderadas. Optou-se então por tratar o animal com banhos, utilizando-se óleo mineral (Baby Johnsons), como forma de hidratação da pele, associada com xampu antisebórrico (Sebolytic Spherulites). Inicialmente os banhos foram realizados na frequência de uma vez por semana. Após 20 dias de tratamento específico para a Adenite Sebácea, o animal apresentou uma melhora significativa no quadro clínico dermatológico, diminuindo a descamação, prurido e alopecia. Com os resultados satisfatórios obtidos, o tratamento foi intensificado, com a realização de dois banhos semanais até estabilizar, e passar novamente para um banho semanal e acompanhamento veterinário pelo resto da vida do paciente. Deve-se considerar a adenite sebácea no diagnóstico diferencial de enfermidades dermatológicas que causam quadro crônico, lesões de circulares, prurido, alopecia e presença de descamação. A realização de avaliação clínica e exame histopatológico são fundamentais para o diagnóstico e tratamento deste tipo de enfermidade.

ADENOMA SEBÁCEO EM CADELA

SOUTO, Erick Platini Ferreira¹; LIMA Telma de Sousa²; SILVA, Leonardo Barros²; PEREIRA, Raquel Mota Freitas³; MACEDO, Isabel Luana³; OLIVEIRA, Artefio Martins³; DANTAS, Antônio Flávio Medeiros¹

1 Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;

2 Programa de residência multiprofissional da saúde em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB.

3 Graduando do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB.

Palavras-chave: Neoplasma cutâneo; Glândula sebácea; Benigno.

Adenomas sebáceos são neoplasmas cutâneos benignos das glândulas sebáceas (Hargis e Ginn, 2009). Apresentam-se mais frequentemente exofíticos, mas podem ser localmente invasivos na derme e tecido subcutâneo. Esses tumores são relativamente comuns nos cães, incomuns nos gatos e raros em outras espécies domésticas. Nos cães, não existe predisposição sexual, sendo constatada maior incidência em animais entre oito e 13 anos de idade, particularmente das raças Cocker Spaniel, Samoyed, Husky siberiano, Cockapoo, Alaskan malamute, west highland white Terrier, cairn Terrier, Dachshund, Shih tzu e os Poodle miniatura e toy (Goldschmidt e Hendrick, 2002). As causas para o desenvolvimento deste neoplasma permanecem desconhecidas (Hargis e Ginn, 2009). O objetivo deste trabalho é descrever um caso de adenoma sebáceo em uma cadela. Uma cadela da raça Poodle, nove anos de idade, proveniente do município de Patos, Paraíba, foi atendida no Hospital Veterinário da UFCG apresentando, há aproximadamente seis meses, um discreto aumento de volume nodular na região dorso-abdominal. A cadela foi encaminhada para realização de procedimento cirúrgico de nodulectomia e o fragmento tecidual colhido foi encaminhado para avaliação histopatológica no Laboratório de Patologia Animal. Macroscopicamente era uma elipse de pele medindo 2 x 0,8 x 0,3 cm de tamanho, contendo ao centro nódulo amarelado, exofítico e ulcerado, que media aproximadamente 0,5 cm de diâmetro. Ao corte, firme, amarelado, compacto e com discretas septações. Microscopicamente era uma massa densamente celular, bem delimitada, expansiva e infiltrativa, constituída por múltiplos lóbulos sebáceos e associada à área focal de ulceração na epiderme. Esses lóbulos, por vezes, circundavam ductos sebáceos e infundíbulos pilosos, os quais apresentavam moderada ectasia. As células neoplásicas apresentavam-se poliédricas, com citoplasmas contendo delicados e numerosos vacúolos lipídicos e limites evidentes; núcleos centrais, às vezes não evidentes, e contendo pequenos nucléolos. Figuras de mitose raras e restritas à camada basal. Havia ainda infiltrado neutrofílico focalmente extenso na derme profunda, possivelmente devido à contaminação secundária que ocorre por causa da ulceração. A ausência de características próprias de neoplasmas de comportamento maligno associado à semelhança com a glândula sebácea normal nos permite afirmar tratar-se de um adenoma sebáceo. A completa excisão cirúrgica é uma medida resolutive, pois não costumam ocorrer recidivas (Goldschmidt e Hendrick, 2002).

ASPECTOS CLÍNICOS E TERAPIA DA DEMODICOSE CANINA – RELATO DE CASO

ARRUDA, Luis Fernando Batista¹; ARAÚJO, Ana Lucélia de ²; CAVALCANTE, Morgana ALVES¹; LOPES, Paulo Wbiratan da Costa¹; SEGUNDO, Francisco Alípio de Sousa³; SEAL, Desiree Coelho de Mello¹

1 Graduandos em medicina veterinária pelo IFPB, campus Sousa

2 Docente do curso de medicina veterinária do IFPB, campus Sousa

3 Médico Veterinário

Palavras-chave: Parasito; Descamação; Hipotricose.

Dentre as especialidades da medicina veterinária que se destacam na atualidade, está a dermatologia. A demodicose é causada por um parasito obrigatório que convive na pele de cães. Foi atendido no dia 11 de abril de 2016 no Hospital Veterinário do IFPB, campus Sousa um cão com um ano e sete meses de idade, da raça Pitbull, pesando 28 kg, cujo proprietário relatou que há aproximadamente quatro meses, o animal apresentou lesões na pele. O animal estava sendo banhado diariamente, com sabão de coco sempre no horário das 12:00 horas, o tratador relatou que o cão ficava aliviado das coceiras, logo após o banho. Na realização do exame físico foram obtidos os seguintes parâmetros: temperatura retal 38,9°C, frequência cardíaca 140 bpm, frequência respiratória 60 mov/min, mucosa ocular congesta, animal com grau de desidratação de 6% e os linfonodos submandibulares, pré- escapulares inguinais e poplíteos estavam hipertrofiados. Os demais parâmetros fisiológicos apresentaram-se dentro dos valores de referência para a espécie. No exame físico foi observada presença de miíase nos ferimentos da área torácica direita, lesões com hiperqueratose, alopecia, presença de vesículas com sangue, áreas múltiplas com descamação e hipotricose e pêlos quebradiços. Foram solicitados os seguintes exames complementares: hemograma, pesquisa de hemoparasitas, plaquetograma, pesquisa de ectoparasitas, citológico da pele e teste imunocromatográfico para leishmaniose. Foi possível interpretar uma anemia hemolítica imunomediada e leucocitose neutrofílica com desvio à esquerda. Na pesquisa de ectoparasitas foi possível identificar *Demodex spp.* No teste imunocromatográfico para leishmaniose não houve reação. No ambulatório, o animal foi anestesiado, utilizando a indução com Propofol a 1%, 20 mL, via intravenosa, realização da limpeza das feridas, posterior aplicação de pomada com efeito cicatrizante Alantol®, aplicação de Dipirona 50% 25mg/kg via intravenosa e Dexametasona à 0.2% uma dose de 0,25ml, via intramuscular. Foi prescrito para o animal, Cefalexina 600 mg, um comprimido via oral a cada 12 horas, durante 10 dias, Potenay Gold B12®, seis mL via oral a cada 12 horas, durante 20 dias, e para uso tópico, shampoo de Clorexidine 2%, para utilizar no banho e Amitraz 12,5%, sendo recomendado dar banho no animal a cada cinco dias na seguinte diluição: quatro mL de amitraz para um litro de água. Antes de banhar o animal com a solução diluída do amitraz o animal deverá estar limpo, sendo indicado dar banho prévio com shampoo à base de clorexidine a 2%. Banhar à sombra, deixar agir a diluição por 20 min e em seguida enxaguar o mesmo com água a temperatura ambiente. O tratamento apresentou resultados significativos com apenas um mês de utilização, porém em casos crônicos é recomendado o tratamento por dois a três meses após resultados negativos no raspado de pele.

MIOSITE DOS MÚSCULOS MASTIGATÓRIOS EM CÃO SRD - RELATO DE CASO

GOMES, Luedja Carla Vidal Monteiro¹; SEGUNDO, Edimon Batista de Medeiros¹; MEDEIROS Flawana Karla, Alves de²; MEIRE, Larissa Kely Araújo¹; ANDRADE, Ana de Fátima de Souza¹; DIAS, Rafaela Alves¹; SOARES, Karoline Lacerda³; SANTANA, Angelina Lima³; SOLANO, Gustavo Bezerra³.

1 Médico Veterinário na empresa Civet, luedjacarlavmg@gmail.com; esegundo@bol.com.br; larissakely_mv@hotmail.com; anafatimaandrade@gmail.com; rafa.ad@hotmail.com;

2 Aluna de pós-graduação, Medicina Veterinária, UFCG, flawana@hotmail.com;

3 Aluno de graduação, Medicina Veterinária, UFCG; karoline_lacerda@hotmail.com; ghezinha@hotmail.com;

Palavras-chave: Miosite mastigatória; Auto-imune; Cão; Tratamento.

A miosite dos músculos mastigatórios (MMM) é um distúrbio neuromuscular inflamatório auto-imune que acomete os músculos mastigatórios dos cães. Os anticorpos circulantes atingem especificamente as miofibras tipo 2M delimitando a necrose e a fagocitose aos músculos masseter, temporal e pterigoide. A forma aguda da doença envolve edema doloroso e recidivante dos músculos da mastigação (Nelson & Couto, 2006), disfagia, sialorréia e linfadenopatia submandibular e pré escapular (Fioravanti et al., 2004). A mandíbula permanece parcialmente aberta, podendo progredir até a impossibilidade de abertura (Harvey & Emily, 1993). A forma crônica caracteriza-se pela atrofia progressiva, bilateral e simétrica dos músculos da mastigação (Costa et al., 2005). O diagnóstico é realizado através dos achados clínicos, detecção de anticorpos circulantes contra as fibras tipo 2M e a histopatologia da biópsia muscular através da imunohistoquímica. O tratamento consiste na administração de corticosteróides durante 3 semanas e após redução gradual da dose durante 4 a 6 meses. (Nelson & Couto, 2006). O objetivo do trabalho foi de relatar um caso de miosite dos músculos mastigatórios em uma cadela, SRD, dois anos de idade, enfatizando o tratamento. Foi atendida no Centro Integrado Veterinário (CIVET) em setembro de 2014, uma cadela, SRD, dois anos, porte médio, pesando 17,6 kg, com histórico de que há duas semanas apresentava apatia, dificuldade para se alimentar (ingerindo apenas alimentos líquidos) e também deformidade anatômica da região frontal esquerda com aparente atrofia. Ao exame clínico observou-se trismo mandibular com abertura de boca bastante limitada (1,5 cm), atrofia muscular mandibular bilateral e atrofia leve da musculatura frontal esquerda, hipertrofia de musculatura da região frontal direita e da região das articulações temporomandibular, também foi observado linfadenomegalia dos linfonodos submandibulares. Foram realizados exames complementares de radiografias da cabeça e hemograma e nestes não foram evidenciadas alterações. Um dado importante foi a persistência do trismo mandibular mesmo após a anestesia geral dissociativa (xilazina e cetamina) para a realização das radiografias. Com base nos achados clínicos e diagnóstico presuntivo de MMM iniciou-se tratamento, durante três semanas com prednisolona (2mg/kg/VO/BID), omeprazol, e oferecimento de alimentação pastosa. Após uma semana o animal apresentava melhora considerável da abertura de boca e da alimentação, porém já apresentava quase que totalmente atrofia dos músculos masseter e temporal. Após as três semanas iniciais com corticosteróides procedeu-se a redução da dose durante cinco meses, porém, quando tentava-se retirar o medicamento o cão apresentava recidivas com rigidez dos músculos mastigatórios interferindo na alimentação, nesse contexto o tratamento de controle teve um curso de aproximadamente um ano e seis meses, realizando adequação da dose e tentativas de desmames da prednisolona, sempre associados a protetores gástricos (omeprazol ou ranitidina), após este período o animal pôde se manter sem medicamentos. Conclui-se, pois que a miosite dos músculos mastigatórios é doença passível de ser diagnosticada através do exame clínico e responsiva ao tratamento imunossupressor com a prednisolona. Ressaltamos a importância do acompanhamento médico veterinário regular e da persistência no tratamento.

DERMATOFITOSE CANINA: RELATO DE CASO

LISBOA, Nathalia Ferreira¹; CUNHA, Edson Mauro Nobrega da²; TORRES, Ricardo Nilton d'Ávila Lins³.

1 Aluna do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande.

2 Médico veterinário pós-graduado em dermatologia, Autônomo.

3 Aluno do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba.

Palavras-chaves: Dermatofito; Fungo; Míose superficial.

Dermatofitose refere-se à infecção causada por fungos dermatófitos dos gêneros *Microsporum* e *Trichophyton* (*Trichophyton mentagrophytes*, *Microsporum canis* e *Microsporum gypseum*). Sendo considerada uma doença contagiosa não apenas entre animais, mas também dos animais para o homem, pode ser transmitida de forma direta ou indireta de conídios que germinam no hospedeiro suscetível. Ocorrem nos tecidos queratinizados, como pêlos, pele e unhas. O presente trabalho tem como objetivo relatar o diagnóstico e tratamento desta patologia em um cão atendido na Clínica Veterinária Dr. Edson Mauro Nobrega da Cunha, na cidade de João Pessoa- PB. Durante a anamnese foi relatado que o animal, da raça yorkshire, sexo feminino, cinco anos de idade, apresentava há aproximadamente seis meses, lesões na pele por todo o corpo. No exame clínico foi observado caspas, crostas, pápulas, pústulas foliculares e eritema. Os pelos estavam praticamente ausentes, quebrados, desgastados e com seborreia oleosa. O animal foi submetido a vários exames, tais como o parasitológico de fezes, hemograma, exame de fluorescência por meio da Lâmpada de Wood, raspado de pele, cultura micológica e histopatológico. Na cultura micológica foi comprovado, com o crescimento de colônias fúngicas da espécie *Microsporum canis*, o diagnóstico de dermatofitose. Foi prescrito como forma de tratamento a associação de banhos com shampoo de Miconazol e Clorexidine a 2% duas vezes por semana durante três semanas e administração oral de Itraconazol na dose de 10mg/Kg a cada 24 horas durante 40 dias. O tratamento mostrou-se eficaz com o desaparecimento das lesões e a realização de outra cultura micológica a qual não apresentou crescimento de colônias fúngicas, porém o tratamento oral persistiu por mais uma semana. Dessa forma, o diagnóstico correto e prescrições adequadas de tratamento são de suma importância para uma melhor e mais rápida resposta terapêutica do paciente.

HIDRONEFROSE ASSOCIADO À UROLITÍASE EM DÁLMATA

SOUTO, Erick Platini Ferreira¹; LIMA, Telma de Sousa²; CARNEIRO, Rosileide dos Santos³; SILVA, Leonardo Barros²; PEREIRA, Raquel Mota Freitas⁴; MACEDO, Isabel Luana⁴; DANTAS, Antônio Flávio Medeiros¹

- 1 Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;
- 2 Programa de residência multiprofissional da saúde em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB.
- 3 Médica Veterinária da Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;
- 4 Graduando do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB.

Palavras-chave: Doença de cão; Cálculos urinários; Obstrução urinária.

Hidronefrose consiste na dilatação da pelve e dos cálices renais devido à obstrução do fluxo urinário, podendo ocorrer atrofia do parênquima renal se a obstrução persistir. Esses processos obstrutivos podem ocorrer desde a pelve renal até a uretra e ser unilateral ou bilateral. Quando a obstrução é unilateral, o rim não acometido poderá compensar totalmente a perda da função do rim afetado; se bilateral, ocorre a manifestação da síndrome urêmica (Newman et al., 2009). As principais causas de obstrução do trato urinário inferior compreendem: processos inflamatórios (ureterites, cistites, uretrites e prostatites), hiperplasia prostática, neoplasias, malformações e urólitos. Os urólitos, ou cálculos urinários, são considerados o principal problema do trato urinário dos animais domésticos (Cianciolo e Mohr, 2016). O objetivo deste trabalho é descrever um caso de urolitíase associado à hidronefrose em um Dálmata. Um cão macho, dois anos de idade, da raça Dálmata, proveniente do município de Patos, Paraíba, foi atendido no Hospital Veterinário da UFCG apresentando disúria, estrangúria intensa e repleção vesical, constatando-se a presença de cálculos uretrais. Diante disso, foi encaminhado para procedimento de desobstrução cirúrgica, inicialmente através de uretostomia, mas, evidenciando-se grande quantidade de pequenos cálculos de aspecto vermelho-enegrenado impactados, desde a uretra peniana até a pélvica, optou-se pelo procedimento de penectomia e inserção de sonda. O cão morreu nos pós-operatório após 36 horas e foi encaminhado para necropsia. À necropsia, apresentava bom estado corporal, mucosas oculares e oral pálidas e área de sutura na região inguinal, por onde saía uma sonda uretral. Observou-se, em ambos os rins, moderada dilatação da pelve e dos cálices renais, com retração e amolecimento do parênquima (hidronefrose). Em ambos os ureteres se verificou discreta dilatação (hidroureter). A bexiga estava intensamente espessada e com área focalmente extensa, transmural, vermelho-enegrenada, associado à presença de pequenos urólitos, coágulos e fibrina aderidos à mucosa. Na uretra pélvica havia ainda uma pequena quantidade de urólitos. Na histopatologia foram vistas na uretra e bexiga áreas focalmente extensas de necrose do epitélio, colônias bacterianas basofílicas estendendo-se do epitélio superficial as fibras musculares, congestão e hemorragia. Nos rins havia acentuada congestão e hemorragia intersticial. Não foram observadas lesões extra renais de uremia, sendo a causa da morte atribuída a complicações do pós-operatório. Os cães da raça Dálmata apresentam uma deficiência, de caráter autossômico recessivo e hereditário, da enzima uricase, que converte ácido úrico em alantoína, um produto final do metabolismo mais facilmente eliminável. Essa condição predispõe ao excesso de ácido úrico na urina e formação de urólitos de urato, que apresentam aspecto semelhante aos observados nesse caso.

ECTRODACTILIA EM CÃO: RELATO DE CASO

LIMA, Telma de Sousa¹; SOUTO, Erick Platini de Ferreira²; BORGES, Ismael Lira¹; Vinícius Mendes Gonçalves¹; MACEDO, Isabel Luana³; PEREIRA, Raquel Mota de Freitas³; SILVA, Raquel Annes Fagundes³; DANTAS, Antônio Flávio Medeiros²

1 Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos-PB;

2 Programa de residência multiprofissional da saúde em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos-PB;

3 Graduando do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB.

Palavras-chave: Malformação óssea; Congênita; Caninos.

Ectrodactilia consiste em uma malformação que acomete as porções laterais e mediais dos ossos metacarpianos e tecidos moles, podendo se estender ao rádio e ulna. Essa condição é também denominada mão-fissurada, deformidade em garra de lagosta, olidactilia ou hipodactilia, e se apresenta, geralmente unilateralmente, podendo estar acompanhada de polidactilia, luxação de cotovelo, e até a ausência, hipoplasia ou fusão dos ossos carpiianos e metacarpianos (Carrig et al., 1981; Jubb et al., 1988; Oliveira e Artoni, 2002). Aparentemente não há predisposição racial ou sexual (Carrig et al., 1981), sendo relatada em espécies como felinos, bovinos e no homem. O objetivo do presente estudo foi relatar um caso de ectrodactilia em uma cadela, de um ano, sem raça definida, atendida no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, Paraíba, com o histórico de cinomose. Havia ainda malformação no membro anterior esquerdo. Devido mau prognóstico, foi submetida à eutanásia e encaminhado ao Laboratório de Patologia Animal para realização de exame necroscópico. Na necropsia, observou-se escore corporal regular e mucosas pálidas. No membro torácico esquerdo, havia separação óssea e de tecidos moles entre quarto e quinto metacarpos, que se estendia até rádio e ulna separando-os completamente, além da ausência do dígito acessório. Conforme achados morfológicos, caracterizou-se a malformação óssea como ectrodactilia. Essa malformação consiste na separação de tecidos moles e ósseos que envolvem, em sua maioria, apenas os ossos metacarpianos (Barrand, 2004). Em cães não está estabelecida ainda uma causa provável para ocorrência desse tipo de malformação (Ferreira et al., 2007), entretanto é menos comum o envolvimento completo de rádio e ulna (Carrig et al., 1981; Innes et al., 2001). Apesar da importância clínica e estética, não é uma alteração que cursa com prognóstico ruim, muito embora se aconselhe, na maioria das vezes, a reparação óssea a fim de se evitar envolvimento de outros tecidos.

MIOCARDITE POR *Leishmania* sp. EM UMA CADELA

SOARES, Yanca Góes dos Santos¹; VIEIRA, Sarah Brasil¹; ARAÚJO, Belisa Aguiar¹; BEZERRA, Leiliane Silva²; FIRMINO, Millena de Oliveira³; SILVEIRA, Aline Monteiro³; ALMEIDA, Herta Karyanne Araújo¹; SILVA, Jardel de Azevedo¹; GALIZA, Glauco José Nogueira de³; DANTAS, Antônio Flávio Medeiros³.

1 Graduação em Medicina Veterinária, Centro de Saúde e Tecnologia Rural, Universidade Federal de Campina Grande (CSTR/UFCG). Autor para correspondência: yancagoes@hotmail.com

2 Programa de Residência Multiprofissional da Saúde, Hospital Veterinário, CSTR, UFCG.

3 Programa de Pós-graduação em Medicina Veterinária, Hospital Veterinário, CSTR, UFCG

Palavras-chave: Mineralização metastática; Cardiologia; Zoonose; Leishmaniose visceral.

Leishmaniose é uma zoonose de caráter crônico, causada pelo protozoário *Leishmania* sp. Sua manifestação clínica variada é decorrente da capacidade do parasita em lesionar diversos órgãos, havendo tropismo para órgãos linfóides. Contudo, ocasionalmente, a *Leishmania* sp. provoca lesões cardíacas, causada por ação direta do protozoário, deposição de imunocomplexos ou distúrbios secundários. Descreve-se um caso de miocardite por *Leishmania* sp. em uma cadela, diagnosticado no Laboratório de Patologia Animal do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande (LPA/HV/UFCG). Uma cadela, adulta, sem raça definida e errante foi atendida na Clínica Médica devido a suspeita de leishmaniose e após análise citopatológica de aspirado de linfonodo, confirmou-se a presença de amastigotas de *Leishmania* sp. sendo o animal eutanasiado e posteriormente necropsiado. Macroscopicamente o animal estava caquético, com desidratação severa (10%), alopecia generalizada, áreas multifocais a coalescentes ulceradas principalmente na região de peito, região dorsal torácica e abdominal, onicogrífose e aumento de volume de todos os linfonodos superficiais. Havia ainda áreas de hiperqueratose no focinho, coxins e membros pélvicos. Na pina das orelhas havia área focalmente extensa ulcerada, associada a exsudato serosanguinolento e crostas. Na superfície endocárdica do átrio cardíaco esquerdo havia acentuada quantidade de placas esbranquiçadas, irregulares e firmes, que exibiam resistência ao corte; discretamente elevada à superfície serosa do reto, havia área focal esbranquiçada medindo 4cm de diâmetro em seu eixo maior; havia hepatomegalia com evidênciação do padrão lobular; os rins estavam pálidos e na superfície subcapsular havia áreas puntiformes esbranquiçadas; os linfonodos superficiais, hepatogástrico e mesentéricos estavam aumentados de volume e ao corte apresentavam áreas multifocais amareladas em região cortical e medular. Os órgãos foram coletados, fixados em formol tamponado a 10%, clivados e processados rotineiramente para confecção das lâminas histológicas e coradas em Hematoxilina-Eosina. Microscopicamente, no átrio esquerdo, havia áreas multifocais a coalescentes de moderado infiltrado inflamatório constituído predominantemente por plasmócitos, linfócitos, macrófagos e ocasionais neutrófilos degenerados, associado à fibrose, afastando os feixes musculares; no citoplasma de macrófagos havia inúmeras formas amastigotas da *Leishmania* sp., além disso, o endocárdio estava espessado difusamente pela mineralização. Também se constatou que a cadela apresentava dermatite granulomatosa, glomerulonefrite membranoproliferativa discreta e área focal de mineralização da camada muscular e serosa do reto. A forma amastigota do parasita também foi observada no baço, linfonodo, fígado, medula óssea, pele e rins. Apesar da forma cardíaca da leishmaniose ser esporádica nos cães, deve ser considerada como diagnóstico diferencial para afecções no coração. As lesões cardíacas deste caso compartilham as mesmas características encontradas na literatura, sugerindo-se que a patogenia da lesão envolva mecanismos da mineralização metastática, secundária à lesão renal e ao curso da doença crônica.

***Dirofilaria immitis* EM CÃO NO SERTÃO PARAIBANO: ACHADO DE NECROPSIA**

MATIAS, Isabela Calixto¹; SOARES, Laynaslan Abreu¹; LUCENA, Maria Evelaine¹; MENDONÇA, Igor Porfírio de¹; NOGUEIRA, Melissa Regina¹; SILVA, Naidiana Abrantes da¹; MOURA, Maria Franciscarla Nascimento¹; RAMOS, Maria Estrela de Oliveira¹; VILELA, Vinicius Longo Ribeiro²; MAIA, Lisanka Ângelo³

1 Graduando (a) em Medicina Veterinária do IFPB, Campus Sousa;

2 Professor de Parasitologia Veterinária do IFPB, Campus Sousa;

3 Professora de Patologia Veterinária e Diagnóstico por Imagem IFPB, Campus Sousa, (lisankavet@gmail.com);

Referências:

ALHO, Ana Margarida et al. *Dirofilariose canina e felina, uma parasitose em evolução (I) – etiologia, biologia e epidemiologia*. **Clínica Animal**. v. 2, n. 2, p. 20-25, 2014.

CICARINO, Carla. *Dirofilariose canina. Trabalho de conclusão de curso*. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, FMU, São Paulo, 2009.

DA SILVA, Rodrigo Costa; LANGONI, Helio. *Dirofilariose. Zoonose emergente negligenciada*. **Ciência Rural**. Santa Maria, Online, 2008.

VIDAL, Ivana Fernandes. *Dirofilariose canina no litoral da Paraíba. Tese de Doutorado em Medicina Veterinária*. Centro de Saúde e Tecnologia Rural, UFCG, Patos, 2014.

Palavras-Chave: *Dirofilaria immitis*; Cão; Parasitose canina.

Dirofilaria immitis é um nematoide, conhecido como verme do coração, o qual causa uma doença crônica em cães (filariose cardíaca ou doença do verme cardíaco). Além dos cães, podem acometer gatos e seres humanos. A transmissão do parasito se dá por espécies de mosquitos dos gêneros *Aedes*, *Culex* e *Anopheles*⁴. Estes são considerados hospedeiros intermediários, responsáveis pela maturação das microfíliárias (forma larvárias do parasita) a partir da picada em um cão microfilarêmico, assim, após o desenvolvimento destas larvas infectantes, será fácil a transmissão tanto para hospedeiro definitivos, cães e gatos; quanto para acidentais, os humanos⁵. Em animais, os parasitas adultos vivem na artéria pulmonar e no ventrículo direito do coração. Quando estes parasitas estão presentes em grande quantidade nesses locais podem ser responsáveis por quadros clínicos de insuficiência cardíaca congestiva direita e edema generalizado⁶. Alguns casos podem ocorrer sem manifestação clínica e serem diagnosticado apenas na necropsia. A ocorrência de *Dirofilaria immitis* na região Nordeste é considerada baixa e acontece principalmente em região litorânea. Portanto, este trabalho tem como objetivo relatar a presença de *Dirofilaria immitis* em um cão necropsiado no setor de Patologia Animal do Hospital Veterinário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (HV/IFPB), Campus Sousa. Tratava-se de uma cadela, sem raça definida, 6 anos de idade proveniente do município de Aparecida, sertão Paraíba, que há 2 dias estava apático e sem se alimentar. O animal veio a óbito antes do atendimento clínico. Na necropsia observou-se no ventrículo direito presença de estruturas alongadas, que foram identificados como *Dirofilaria immitis*. Na necropsia observou-se no ventrículo direito presença de quatro exemplares de *Dirofilaria immitis* junto a coágulos cruóricos. Nos rins haviam múltiplos pontos esbranquiçados medindo 0,1 cm de diâmetro na superfície capsular e se aprofundavam ao parênquima e no estômago observou-se área focal ulcerada medindo 3 cm de diâmetro. Os pulmões estavam não colapsados, mais firmes e resistentes ao corte e as paratireoides aumentadas de tamanho. Fragmentos de órgãos foram coletados, fixados em formol a 10% e processados rotineiramente para exame histopatológico. Microscopicamente as lesões observadas nos rins e demais órgãos foram características de insuficiência renal crônica associada a lesões extra-renais de uremia, respectivamente, e foram atribuídas a causa de óbito desse animal. Embora as manifestações clínicas observadas nesse animal não serem condizentes com a Dirofilariose, chama atenção a ocorrência da *Dirofilaria immitis* no Sertão paraibano, mesorregião até então não incluída na prevalência desse parasita.

DIAGNÓSTICO ULTRASSONOGRÁFICO DE DESCOLAMENTO RETINIANO SECUNDÁRIO A UVEÍTE POSTERIOR EM UM CÃO – RELATO DE CASO

SANTOS, Francisco Charles¹; GOMES, Iara Macedo de Melo²; BEZERRA, Leiliane Silva³; PEREIRA, Edinete Lúcio⁴; TANIKAWA, Atticcus⁵; SOUZA, Almir Pereira de⁶.

1 Aluno de graduação, Medicina Veterinária, UFCG, Campus de Patos-PB. charlessmedvet@gmail.com;

2 Residente em Diagnóstico por Imagem Veterinária HV/UFCG, Patos-PB. iaramacedom@hotmail.com;

3 Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais do HV/UFCG, Patos-PB. leilianemedvet@hotmail.com;

4 Aluna de graduação, Medicina Veterinária, UFCG, Patos-PB. edinetelucio@gmail.com;

5 Doutorando Programa de Pós-graduação, Medicina Veterinária, UFCG, Patos-PB. atcsvet@hotmail.com;

6 Professor, Doutor, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos-PB. almir@cstr.ufcg.edu.br;

Palavras-chave: Ultrassom; Oftalmopatia; Midríase; Hemoparasitose.

O descolamento de retina é a separação da retinada coroide subjacente, que na maioria dos casos ocorre entre o epitélio pigmentado e a neuroretina. Suas causas são variadas, destacando para cães os distúrbios congênitos, hipertensão, uveíte, traumas graves e inflamações intraoculares. O principal sinal clínico é a perda da visão. Outros sinais encontrados são a persistência do estado de midríase e o pouco reflexo pupilar quando em contato com. Objetivou-se com esse estudo, relatar o caso de um cão, de 11 anos de idade, sem raça definida, foi atendido no Hospital Veterinário de Patos/UFCG, com queixa clínica de estar há 3 dias com perda súbita de visão, aumento de volume em olho direito e infestação por carrapatos. Ao exame físico geral, a única alteração sistêmica observada foi a presença de sufusões abdominais. Ao exame clínico oftalmológico observou-se, no olho direito, quemose em conjuntiva palpebral superior e inferior, hiperemia da conjuntiva bulbar, área central da córnea drenando secreção purulenta e com presença de crosta, vascularização profunda, ressecamento e ruptura em região central da córnea, arrasamento da câmara anterior, hifema, midríase constante, buftalmia e lagofthalmia. O olho esquerdo apresentava hiperemia da conjuntiva bulbar e midríase constante. Os reflexos neuroftálmicos pupilar (direto e consensual), de ameaça, ofuscamento e do labirinto apresentaram-se negativos bilateralmente. O teste de fluoresceína no olho direito revelou úlcera estromal na área central da córnea medindo aproximadamente 8 mm de diâmetro e ponto no centro drenando fluido translúcido. A córnea esquerda não apresentava úlcera. Diante dos achados, a suspeita clínica foi de hemoparasitose, uveíte posterior unilateral e descolamento retiniano bilateral. Foi realizado hemograma, que revelou uma discreta anemia normocítica normocrômica, leucopenia (3.850/mm³), trombocitopenia severa (46.000/mm³) e discreta anisocitose e policromasia de hemácia. Realizou-se ultrassonografia ocular, onde evidenciou-se através do modo B linhas ecogênicas aderidas ao nervo óptico formando imagem “em gaiivota” confirmando o descolamento de retina, além de intensos pontos ecogênicos em suspensão no corpo vítreo sugerindo inflamação ou hemorragia associado a uveíte posterior, bilateralmente. Prescreveu-se Diclofenaco sódico colírio (1 gota/olho/BID/10 dias), tobramicina colírio (1 gota/TID/10 dias), Doxiciclina (8mg/kg/BID/28 dias), EritrósDog (1 comp./SID/30 dias) ® e Fluralaner (1 comp./250 mg/ dose única). Ao retorno o animal apresentou melhora clínica significativa da inflamação em ambos os olhos e já não apresentava mais sinais sistêmicos. O exame clínico e oftalmológico, associados ao hemograma e principalmente a ultrassonografia ocular foram imprescindíveis para se chegar a um diagnóstico clínico e etiológico do descolamento retiniano, pois as estruturas oculares posteriores são dificilmente visualizadas até mesmo com auxílio de instrumentos oftálmicos.

FIBROSSARCOMA NO PAVILHÃO AURICULAR DE UM GATO

NASCIMENTO, Maria Jussara Rodrigues¹; SOUTO, Erick Platini Ferreira²; FERREIRA, Jefferson da Silva³; DUTRA, Araceli Alves¹; AQUINO, Vitória Viviane Ferreira¹; FALCÃO, Brunna Muniz Rodrigues¹; VIEIRA, Ana Karoline Rocha¹; DANTAS, Antônio Flávio Medeiros²; AZEVEDO, Ana Clara de França Silva³; SILVA, Leonardo de Barros³.

1 Graduanda do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;

2 Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;

3 Programa de residência multiprofissional da saúde em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;

Palavras-chave: Neoplasma cutâneo; Maligno; Gato.

Fibrossarcoma é um neoplasma maligno que se origina dos fibroblastos e tem comum incidência em gatos (Gross et al., 2009), especialmente em animais adultos (Ferreira et al., 2002), representando em torno de 15 a 17% de todos os tumores cutâneos nesta espécie, enquanto nos cães, os fibrossarcomas representam cerca de 1,5% (Gross et al., 2009). Esse tumor pode ser encontrado em qualquer parte do corpo, porém a pele e o tecido subcutâneo da boca e nariz, cavidade oral, fáscia e periósteo têm sido os locais comumente encontrados (Yager & Scott, 1993). Fibrossarcoma em pavilhão auricular também já foi relatado por Ribeiro et al. (2011). Existem três variantes deste tipo de tumor: a forma solitária, a forma multicêntrica e a forma associada à aplicação de vacinas e outros medicamentos injetáveis (Ogilvie e Moore, 2001). O objetivo deste trabalho é descrever um caso de fibrossarcoma no pavilhão auricular de um gato, sem raça definida, com três anos de idade, proveniente do município de Patos, Paraíba. O animal foi atendido no Hospital Veterinário da UFCG apresentando, há aproximadamente oito meses, um aumento de volume no pavilhão auricular com crescimento progressivo e discreto sangramento. Foi encaminhado para realização de procedimento cirúrgico de nodulectomia e o fragmento tecidual colhido foi encaminhado para avaliação histopatológica no Laboratório de Patologia Animal. Macroscopicamente a massa media 4cm x 3cm x 2 cm de extensão, apresentando superfície irregular, multinodular, ulcerada e crostosa, com coloração brancacenta e áreas multifocais avermelhadas. Ao corte, firme, predominantemente brancacento e com área focal avermelhada. Microscopicamente era composta por uma neoformação delimitada na derme, densamente celular, expansiva, e com área focal de ulceração da epiderme. As células neoplásicas assumiam arranjos em forma de feixes e redemoinhos, mal organizados, sobre escasso estroma fibrovascular. Células neoplásicas fusiformes, com moderada anisocitose, com citoplasma escasso, eosinofílico e com limites pouco evidentes, apresentando núcleo variando de redondo a ovalado e com moderada anisocariose, cromatina esparsa e discreta heterocromasia e o nucléolo por vezes não evidente. Figuras mitóticas eram raras. Estas características macro e microscópicas permitem afirmar tratar-se de um fibrossarcoma. O grau de malignidade é avaliado de acordo com a capacidade de infiltração e indiferenciação celular, número de mitoses (Pulley e Stannard, 1990) e células multinucleadas com dois ou três núcleos (Yager, 1994). O tratamento primário indicado consiste na exérese da massa tumoral com ampla margem de segurança (Ettinger, 1992).

RUPTURA DE TRAQUEIA EM FELINO – RELATO DE CASO

VIEIRA, Ana Karoline¹; AZEVEDO, Ana Clara de França Silva²; MEDEIROS, Lylian Karlla Gomes³; SILVA, Leonardo de Barros²; REGO, Renato Otaviano⁴; BEZERRA, Leiliane Silva⁵; GOMES, Iara Macedo de Melo⁶; ALENCAR, Dayanny de Sousa⁶; NUNES, Thays de Souza¹; NÓBREGA NETO, Pedro Isidro⁷

- 1 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, karolline_rocha11@hotmail.com; thays21nunes@gmail.com;
- 2 Residente na área de Cirurgia de Pequenos Animais, UFCG, Patos, PB, annaclarafranca@hotmail.com; leonardovet1@gmail.com;
- 3 Residente na área de Anestesiologia Veterinária da UFCG, Patos, PB, lyliankarlla@hotmail.com;
- 4 Técnico em Cirurgia de Pequenos Animais, UFCG, Patos, PB, renato_otaviano@yahoo.com.br;
- 5 Residente na área de Clínica de Pequenos Animais da UFCG, Patos, PB, leilianemedvet@hotmail.com;
- 6 Residente na área de Diagnóstico por Imagem da UFCG, Patos, PB, iaramacedom@hotmail.com; day.s.alen@gmail.com;
- 7 Docente de Anestesiologia e Técnica Cirúrgica Veterinária da UFCG, Patos, PB, pedroisidro@ymail.com;

Palavras-chave: Cirurgia; Anastomose; Enfisema.

A traqueia é um tubo membranocartilaginoso responsável pela passagem do ar para os pulmões. As rupturas de traqueia são consideradas patologias emergenciais, pois representam um elevado risco à vida dos animais. Com o objetivo de colaborar com a clínica médica e cirúrgica, este trabalho descreve um caso de ruptura de traqueia em um felino. Foi atendido no HOVET-UFCG, um felino SRD, macho, de dois meses de idade, pesando 1,1 kg, com histórico de ter sido mordido por outro gato na região do pescoço. No exame físico foi observado que o animal apresentava enfisema subcutâneo nas regiões cervical, torácica e abdominal e a auscultação respiratória foi impossibilitada devido à crepitação. Na avaliação radiográfica, verificou-se um aumento da radiopacidade na região cervical ventral com perda de definição da estrutura traquéia e áreas de enfisema subcutâneo pelo corpo. Através dos sinais clínicos e exame de imagem elaborou-se o diagnóstico de ruptura de traqueia. O animal foi encaminhado para realização de procedimento cirúrgico. A medicação pré-anestésica realizada foi tramadol (2 mg/kg, SC), como indução anestésica foi aplicado propofol (4 mg/kg, IV) e a manutenção foi obtida com isoflurano em oxigênio a 100%. No procedimento cirúrgico, realizou-se uma incisão cutânea cervical ventral, seguida de divulsão da musculatura da linha média sobre a traqueia, expondo a traqueia e identificando o local da ruptura através da instilação de solução de NaCl 0,9% para visualizar borbulhamento. Em seguida realizou-se a sutura traqueal com padrão simples interrompido penetrando dois anéis cartilagosos adjacentes para uma melhor obtenção do alinhamento tecidual, com poliglactina 910 3-0, miorrafia em colchoeiro cruzado em pontos separados com poliglactina 910 3-0, oclusão cutânea intradérmica em sutura subcuticular contínua com poliglactina 910 3-0 e dermorrafia em pontos simples descontínuos com fio mononylon 3-0. No pós-operatório foi realizada uma bandagem compressiva para reduzir o enfisema subcutâneo. Prescreveu-se terapia anti-inflamatória e analgésica e limpeza da ferida cirúrgica com solução antisséptica. O animal recebeu alta hospitalar cinco dias após a cirurgia, e retornou após dez dias para remoção dos pontos e avaliação clínica. O mesmo apresentava-se sem enfisema de subcutâneo e sem alterações na ausculta pulmonar. Conclui-se que a conduta clínica e cirúrgica adotada no paciente foi eficaz, uma vez que induziu à remissão de todas as alterações clínicas apresentadas antes da cirurgia.

INGESTÃO DE CORPO ESTRANHO EM CÃES – RELATO DE DOIS CASOS

DUTRA, Araceli Alves¹; AZEVEDO, Ana Clara de França Silva²; SILVA, Leonardo de Barros²; MEDEIROS, Lylian Karlla Gomes³; FERREIRA, Gracineide da Costa³; COSTEIRA, Jéssica Azevedo⁴; GOMES, Iara Macedo de melo⁵; ALENCAR, Dayanny de Sousa⁵; CARVALHO, Carolina Barbosa⁴; NÓBREGA NETO, Pedro Isidro⁶

1 Graduada de Medicina Veterinária na UFCG-Patos. aracelidutra@hotmail.com;

2 Residente de Cirurgia de Pequenos Animais da UFCG-Patos. annaclarafranca@hotmail.com;
leonardovet1@gmail.com;

3 Residente de Anestesiologia Veterinária da UFCG-Patos. lyliankarlla@hotmail.com; neyde19@gmail.com;

4 Residente de Clínica de Pequenos Animais da UFCG-Patos. jessicacosteira@gmail.com; carol_zoo@hotmail.com;

5 Residente de Diagnóstico por Imagem da UFCG-Patos. jaramacedom@hotmail.com; day.s.alen@gmail.com;

6 Docente de Anestesiologia e Técnica Cirúrgica Veterinária da UFCG-Patos. pedroisidro@ymail.com;

Palavras-chave: Alfinete; Gastrotomia; Estômago; Cirurgia.

Objetos ingeridos pelos animais que não podem ser digeridos ou que são digeridos muito lentamente são considerados corpos estranhos gastrointestinais, sendo mais comum em animais jovens devido à curiosidade natural dos filhotes. O objetivo deste trabalho é relatar dois casos de corpo estranho em cães, cujo diagnóstico foi confirmado pela radiografia e o tratamento realizado por meio de laparotomia exploratória com gastrotomia. Foram atendidos dois cães no HOVET-UFCG com suspeita de ingestão de corpo estranho. O primeiro animal era um cão da raça Pinscher, macho, com oito meses, pesando 3,1 kg. Na anamnese o proprietário relatou que havia dois dias que o animal estava com “engasgo” e apresentou seis episódios de vômito no dia anterior à consulta, porém, estava comendo e bebendo água normalmente. Não foram detectadas alterações ao exame clínico. O segundo animal era uma cadela, da raça Golden Retriever, fêmea, de um ano e cinco meses, pesando 21 kg. O animal estava sem se alimentar havia 2 dias e o proprietário relatou que a cadela já apresentava o hábito de ingerir objetos estranhos. Não foi observado vômito e nem alterações ao exame clínico. Em ambos os casos, na radiografia realizada havia evidência de estrutura radiopaca de formato circular em topografia habitual de estômago, com suspeita de corpo estranho. Os animais foram encaminhados ao setor de Cirurgia de pequenos animais onde foram pré-medicados com acepromazina (0,05 mg/kg, IM) e tramadol (3 mg/kg, IM). Para indução anestésica utilizou-se propofol (4 mg/kg, IV) e para manutenção isoflurano diluído em O₂ a 100%. A técnica cirúrgica utilizada foi a mesma para ambos os animais: realizou-se celiotomia pré-retro-umbilical mediana, exposição do estômago, gastrotomia e retirada do conteúdo gástrico, sendo removido do primeiro animal um objeto metálico linear (alfinete), pedaços de pano e capim e do segundo animal um objeto metálico circular (pingente), com aproximadamente 3 cm. Dois padrões de sutura foram utilizados para fechar o estômago, sendo o primeiro simples descontínuo e o segundo Cushing com fio poliglactina 910 2-0. Seguiu-se com miorrafia, em padrão Sultan com fio mononylon 2-0, redução do espaço morto, em padrão vai-e-vem fio poliglactina 910 3-0 e dermorrafiam em padrão Simples descontínuo, com fio mononylon 2-0. Ambos os animais retornaram 15 dias após a cirurgia para reavaliação e retirada dos pontos e estavam clinicamente saudáveis, sem exibir nenhum sinal de infecção. Pode-se concluir que a opção pelo tratamento cirúrgico foi fundamental para a sanidade dos animais, uma vez que os objetos encontrados eram metálicos e não seriam digeridos, podendo assim, ocasionar uma gastrite severa e/ou peritonite.

SÍNDROME DO OVÁRIO REMANESCENTE: RELATO DE DOIS CASOS EM GATAS

SILVA, Jardel de Azevedo¹; MEDEIROS, Lylian Karlla Gomes²; AZEVEDO, Ana Clara de França Silva³; SILVA, Leonardo de Barros³; ALVES, Hênio Dorgival Lima²; FELIPE, Gracineide da Costa²; OLIVEIRA, Vilde Rodrigues²; CARVALHO, Carolina Barbosa⁴; BEZERRA, Leiliane Silva⁴; NÓBREGA NETO, Pedro Isidro⁵.

1 Graduando em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos – PB, jardelazevedomv@gmail.com;

2 Residente na área de Anestesiologia Veterinária, UFCG, Patos - PB.

3 Residente na área de Cirurgia de Pequenos Animais UFCG, Patos - PB.

4 Residente na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, UFCG, Patos - PB.

5 Docente de Anestesiologia e Técnica Cirúrgica Veterinária, UFCG, Patos - PB.

Palavras-chave: Cio; Cirurgia; Ovário-histerectomia.

Embora a ovário-histerectomia seja considerada um procedimento cirúrgico relativamente simples, complicações pós-cirúrgicas podem estar relacionadas com falha na técnica. Entre elas destacam-se: hemorragias, trauma de ureter, piometra de coto, obstruções intestinais e síndrome do ovário remanescente. A síndrome do ovário remanescente é desencadeada pela remoção incompleta do tecido ovariano. A presença do resíduo de tecido ovariano pode ser preponderante para o desencadeamento de patologias relacionadas com o desequilíbrio hormonal que este causa. O presente trabalho objetivou relatar dois casos de gatas que haviam sido submetidas à ovário-histerectomia e apresentavam sinais de síndrome do ovário remanescente. Foram atendidas no HOVET-UFCG duas gatas, SRD, com 2 e 7 anos de idade e que, alguns meses depois do procedimento cirúrgico, apresentaram sinais de cio como vocalização, inquietação, exposição da vulva e receptividade aos machos. Ao exame clínico os animais apresentavam-se saudáveis e sem nenhuma alteração digna de nota. As avaliações hematológicas e bioquímicas também estavam sem alterações. A ultrassonografia abdominal não revelou anormalidades. Na citologia vaginal verificou-se células compatíveis com estro. Diagnosticou-se então, síndrome do ovário remanescente. Os animais foram submetidos ao procedimento cirúrgico de laparotomia exploratória para identificação e remoção de resíduos de tecidos ovarianos. Administrou-se em ambos como medicação pré-anestésica acepromazina 0,2% (0,05 mg/kg, IM). A anestesia foi realizada com zoletil 10% (10 mg/kg, IM). Como anestesia locoregional realizou-se bloqueio epidural com lidocaína 2% (0,22 mL/kg) + tramadol 5% (1 mg/kg). Receberam ainda terapia anti-inflamatória/analgésica com meloxicam 0,2 % (0,1 mg/kg, IV) e antibioticoterapia profilática com enrofloxacin 10% (10 mg/kg, IV). A cirurgia procedeu-se da seguinte forma: celiotomia mediana retro-umbilical, localização dos ovários remanescentes, ligadura dos pedículos com mononylon 2-0, e remoção dos ovários. A miorrafia foi realizada com mononylon 2-0, padrão Sultan, a redução do espaço morto subcutâneo com fio poliglactina 910 2-0, padrão vai-e-vem e a dermorrafia com mononylon 2-0, padrão Wolf. No pós-operatório prescreveu-se cetoprofeno (1 mg/kg/SID, VO), durante 3 dias e para uso tópico uma pomada antisséptica BID durante 10 dias. Após o tratamento cirúrgico, houve remissão de todos os sinais clínicos nas duas gatas. Conclui-se que embora os procedimentos de ovário-histerectomia sejam amplamente realizados, não devem ser subestimados, uma vez que podem ocorrer complicações e que a laparotomia exploratória para retirada do tecido ovariano é muito eficaz para o tratamento da síndrome do ovário remanescente em gatas.

USO DE TALA DE SPICA COMO TRATAMENTO PARA LUXAÇÃO TRAUMÁTICA DE COTOVELO EM CÃO: RELATO DE CASO

LUCENA, Dayvid Vianêis Farias¹; MONTEIRO, Nayanny Morais de Oliveira²; LIMA, Amara Gyane Alves³; CARVALHO, Carolina Barbosa⁴.

1 Mestrando pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife – PE. Mestranda pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos – PB. nayannymorais@yahoo.com.br;

2 Mestranda pela Universidade Federal do Semi-Árido(UFERSA), Mossoró – RN.

3 Residente do Programa de Residência Multiprofissional, UFCG, Patos – PB.

Referências:

SUMNER-SMITH, G. Análise da locomoção e exame ortopédico. In:

SLATTER, D. **Manual de Cirurgia de Pequenos Animais**. 2. ed. São Paulo: Manole, v.2, 1998. p. USO

Palavras-chave: Articulação úmero-radio-ulnar; Imobilização; Redução fechada.

O presente relato tem por objetivo descrever um caso de tratamento ambulatorial de luxação traumática da articulação do cotovelo de um cão adulto. Foi atendido no Hospital Veterinário (HV) da UFCG um canino, macho, sem raça definida, com idade média de seis anos, e peso corpóreo de 18,6 Kg, apresentando claudicação do membro torácico direito (MTD) após atropelamento por veículo automotor. O tutor relatou que há três dias o animal havia sido atropelado, apresentando claudicação do MTD e hemorragia na cavidade oral. No dia seguinte, o cão apresentava-se ativo com ausência de sangramento, normorexia, normodipsia, normúria e normoquesia. Ao exame físico, o animal apresentava-se ativo com leve edema e claudicação no MTD. Não foram observadas alterações fisiológicas durante exame. Foram colhidas amostras sanguíneas para hemograma, ureia, creatinina, fosfatase alcalina (FA), alanina aminotransferase (ALT) e albumina. Também foram solicitados exames radiográficos do MTD e ultrassonografia abdominal. No hemograma foi observada anemia normocítica normocrômica, com contagem de hemácias igual a $4.71 \times 10^6/\mu\text{L}$, hematócrito 32,0% e hemoglobina 11,1 g/dL, além de trombocitopenia, com $96.000 \mu\text{L}$ plaquetas. Na bioquímica sérica hepática a ALT apresentava-se elevada com valor igual a 171,5 U/L, na série renal apenas a ureia encontrava-se alterada, com valor igual a 15,07 mg/dL. Na radiografia evidenciou-se luxação medial na articulação do cotovelo do MTD e aumento de volume dos tecidos moles, sugestivo de edema. No abdômen não foram evidenciadas alterações ultrassonográficas. A partir das alterações clínicas e achados radiográficos foi diagnosticado luxação da articulação do cotovelo do membro torácico direito. O animal foi submetido a um procedimento ambulatorial, onde optou-se pela redução da luxação com tala do tipo Spica, para isso, o animal foi submetido a um protocolo anestésico dissociativo com cetamina 5 mg/kg, midazolam 0,2 mg/Kg e tramadol 3 mg/Kg, todos associados na mesma seringa por via intramuscular (IM). Devido as alterações hematológicas foi instituído tratamento suporte para erliquiose canina com doxiciclina 5 mg/Kg, duas vezes ao dia, durante 21 dias; diacetato de diminazeno 3,5 mg/Kg, IM em dose única com intervalo de 15 dias entre as aplicações; e polivitamínico duas vezes ao dia, durante 21 dias. Trinta dias após a imobilização com a tala de Spica o animal retornou ao HV-UFCG para reavaliação. Foram realizadas radiografias do membro afetado, onde foi evidenciada articulação do cotovelo em topografia habitual com adequada congruência das faces articulares, em seguida a tala foi removida e o membro imobilizado com bandagem do tipo Robert-Jones. Após 60 dias de imobilização o animal voltou a deambular de forma satisfatória, sendo avaliado pela tabela de grau de claudicação, segundo Sumner-Smith (1998), apresentando grau 1. Conclui-se que a tala do tipo Spica mostrou-se eficaz para o tratamento de luxação da articulação úmero-radioulnar em cão.

APLASIA MEDULAR INDUZIDA POR ERLIQUIOSE CRÔNICA E CIPIONATO DE ESTRADIOL EM CADELA: RELATO DE CASO

MONTEIRO, Nayanny Morais de Oliveira¹; OLIVEIRA, Angélica da Silva²; ALMEIDA, Talles Monte³; LEANDRO, Chiarelli Alves⁴; CARNEIRO, Rosileide Santos⁵.

1 Mestranda pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos – PB. nayannymorais@yahoo.com.br;

2 Residente do Programa de Residência Multiprofissional, UFCG, Patos – PB.

3 Mestrando pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza – CE.

4 Graduando em Medicina Veterinária, UFCG, Patos – PB.

5 Médica Veterinária, Mestre, UFCG, Patos – PB.

Palavras-chave: Canino; Medula óssea; Pancitopenia; Estrógeno.

A aplasia medular ou anemia aplásica, caracteriza-se por uma pancitopenia em sangue periférico, sendo relativamente rara em cães e gatos. Dentre as causas desse tipo de anemia incluem-se as de origens infecciosas (erliquiose, infecção pelo parvovírus, vírus da leucemia felina, vírus da imunodeficiência felina e endotoxemia), induzidas por drogas (estrógeno e agentes quimioterápicos), associadas a toxinas e radiação, bem como as de origem idiopática. Objetivou-se relatar um caso de aplasia medular induzida por erliquiose crônica associada ao uso de cipionato de estradiol em uma cadela adulta. Foi atendida, no Hospital Veterinário da UFCG, uma cadela da raça Weimaraner, com cinco anos de idade e peso corpóreo de 29 kg. A tutora relatou que o animal estava apático há mais de uma semana, apresentando alta infestação por carrapatos. O animal estava sendo medicado com doxiciclina, a critério da tutora, pois, a mesma descreveu que o animal teria apresentado infecção por *Ehrlichia canis* recentemente. Entretanto, o animal apresentou piora no estado geral, com anorexia e epistaxe nos dois últimos dias. Adicionalmente, relatou que foi administrado cipionato de estradiol há 15 dias, com a finalidade de interromper uma gestação indesejada. Ao exame físico, foram observadas apatia, hipertermia (40,9 °C) e presença de petéquias na região abdominal ventral. Foram colhidas amostras sanguíneas para hemograma com pesquisa de hemoparasitas e bioquímica sérica hepática e renal. Também foi solicitado exame de ultrassonografia abdominal. O resultado do hemograma revelou a presença de anemia normocítica normocrômica (Hemácia $4 \times 10^3 \mu\text{L}$; Hemoglobina 8,5 g/dl; Hematócrito 24%; VCM 60 fL; CHCM 35,4 g/dl), severa leucopenia (500 μL) e trombocitopenia (10.000 μL). Diante dos achados de pancitopenia, foi solicitado o exame de mielograma, tendo como resultado aplasia medular. Foi instituído um tratamento de suporte com fluidoterapia, com solução Ringer com Lactato suplementada com complexo vitamínico; dipirona (25 mg/kg, por via intravenosa, a cada oito horas); doxiciclina (8 mg/kg, por via intravenosa, a cada 12 horas) e prednisolona (1 mg/kg, por via oral, a cada 12 horas). Além disso, foi realizada transfusão sanguínea com sangue total. O animal foi a óbito dois dias após o diagnóstico e não foi disponibilizado para a realização de necropsia. Diante do exposto, conclui-se que o animal se encontrava num quadro de erliquiose crônica, acarretando em supressão medular, sendo esta exacerbada pelo uso do cipionato de estradiol. Mesmo realizando terapia de suporte, o prognóstico geralmente é desfavorável.

RELATO DE CASO: CORRELAÇÃO DOS ACHADOS BIOQUÍMICOS NA IDENTIFICAÇÃO DE EFUSÃO EXSUDATIVA SÉPTICA EM UM EQUINO.

HONORATO, Sandy Menezes¹; BENVENUTTI, Márcio Eduardo de Melo¹; SILVA, Natanael de Souza¹; VAZ, Antônio Fernando de Melo²

1 Acadêmico de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Campus de Patos, Av. Universitária, s/n. Sta. Cecília, Patos-PB. sandy.menezes@hotmail.com;

1 Residente no do Programa de Residência Multiprofissional na área de Patologia Clínica pela Federal de Campina Grande (UFCG) Campus de Patos, Av. Universitária, s/n. Sta. Cecília, Patos-PB. dudubvenutti@hotmail.com;

1 Residente no do Programa de Residência Multiprofissional na área de Patologia Clínica pela Federal de Campina Grande (UFCG) Campus de Patos, Av. Universitária, s/n. Sta. Cecília, Patos-PB. natanaelvet@gmail.com;

2 Professor, Doutor, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Campus de Patos, Av. Universitária, s/n. Sta. Cecília, Patos-PB. antonio.melo@ufcg.edu.br;

Palavras-chave: Infecção; Líquido peritoneal; Síndrome cólica; Diferencial.

Os fluídos cavitários são formados a partir da filtração do plasma pelo endotélio capilar, através da interação da pressão oncótica plasmática, hidrostática e permeabilidade destes capilares assim como a reabsorção linfática. Pequenas modificações no equilíbrio hidrostático levam a produção e ou concentração exacerbada destes fluídos os quais passam a serem denominadas efusões. Inúmeros são os distúrbios capazes de alterar esta relação, sendo necessária a colheita e avaliação físico-químicas e citológicas observando as características da cor, aspecto, concentração de proteínas, densidade, contagem e diferenciação das células nucleadas, muitas vezes ainda é necessário dosar parâmetros bioquímicos e pressão de gases presentes nesses fluídos para o diagnóstico conclusivo de doenças neoplásicas, hemorrágicas, inflamatórias, linfáticas e infecciosas. O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de síndrome cólica em equino submetido à laparotomia exploratória e enterotomia com efusão exsudativa séptica no pós-operatório atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Patos, estado da Paraíba. Na anamnese o proprietário relatou que o animal há três dias apresentava-se inquieto demonstrando dor e assumindo posição de micção. No exame físico foi observado que os parâmetros fisiológicos estavam normais para espécie, no entanto, havia atonia intestinal nos quatro quadrantes, com leve distensão, olhar para os flancos tendendo a deitar-se constantemente. Não havendo resolução com tratamento clínico o animal foi encaminhado para realização do procedimento cirúrgico de laparotomia exploratória seguido de enterotomia para resolução da ectopia cecal, dextroflexão do cólon maior esquerdo e para lavagem do cólon maior. Na análise do líquido peritoneal foi possível obter resultados que indicavam alterações nas avaliações físico-química e citológica. Foram avaliados 15 mL da efusão que denotava cor avermelhada, turva, com coagulação presente, densidade elevada (1,028), pH alcalino (7,07) e proteína (2,8g/dL), apresentando-se positiva no teste de Rivalta (++++). Celularidade extremamente alta hemácias (210.000 μ L) e células nucleadas (164.500 μ L). Na avaliação química além dos parâmetros utilizados na rotina foram adicionados a dosagem de lactato desidrogenase (540,0 UI/L), lactato (53,88mg/dL), pressão parcial de CO₂ (56,0 mmHg) e glicose (49,0mg/dL). A presença da atividade de lactato desidrogenase elevada com valor superior a 200UI/L em uma efusão é um indicativo de importante para classificar um fluído como um exsudato, o lactato presente no fluído peritoneal como o CO₂ pode estar sendo produzido por bactérias sugerindo exsudato séptico assim como valores de glicose que provém do plasma, por conseguinte utilizada como substrato por bactérias. No exame citológico foram visualizados predominantemente neutrófilos (95%); mononucleares grandes e células mesoteliais reativas (5%). Presença de leucofagocitose, eritrofagocitose e a degeneração celular, inclusive cariorrexe, não sendo evidenciado agente etiológica na presente amostra, mesmo na pesquisa com a coloração de Gram, entretanto, as análises bioquímicas da amostra são sugestivas de exsudato séptico de origem bacteriana. Assim a classificação de uma efusão em exsudato séptico ou asséptico por meio de exames bioquímicos torna-se um dos pontos críticos para a elucidação do diagnóstico e condução do caso clínico.

CESARIANA E REDUÇÃO DE PROLAPSO VAGINAL EM FÊMEA BOVINA A CAMPO: RELATO DE CASO

MELO, Lídio Ricardo Bezerra¹; LIMA, Cinthia Dayanne Sena².

1 Programa de pós-graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB, Brasil. E-mail: lidioricardolrbm@hotmail.com;

2 Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB, Brasil.

Palavras-chave: Cirurgia a campo; Fêmea primípara; Inércia uterina.

A cesariana é um procedimento de emergência, pois o retardo em sua resolução pode pôr em risco a vida do recém-nascido e da mãe. A inércia uterina é uma das indicações em bovinos, ocasionada principalmente pela predisposição racial e hereditária, estimulação uterina inadequada pelo pequeno número de crias, hipocalcemia, subnutrição. O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de cesariana a campo em uma fêmea bovina apresentando prolapso vaginal, descrevendo o histórico clínico e o procedimento cirúrgico. Foi atendida a campo na zona rural do município de Queimadas-PB uma novilha mestiça da raça nelore, com 250 kg, 2 anos de idade. O proprietário relatava que a fêmea se encontrava no final de sua primeira gestação, estando prostrada há aproximadamente 14 horas apresentando prolapso vaginal. No exame ginecológico observou-se tampão mucoso, edema da região do prolapso e edema de vulva. Para redução do prolapso vaginal foi realizada anestesia epidural intercoccígena na dose de 0,016 mL/kg e limpeza do local com água gelada e sabão neutro. Na palpação da cervice foi observado desprendimento de tampão mucoso e dilatação de um dedo, e a cabeça do feto insinuava-se na parede cervical. Optou-se pela cesariana de urgência, realizada através da incisão paracostal na região do flanco esquerdo com o animal em decúbito lateral direito e os membros contidos. Foi administrada gentamicina como antibioticoterapia profilática (4 mg/Kg) por via IV, trinta minutos antes do procedimento cirúrgico. Realizou-se a tricotomia ampla da região, antissepsia com clorexidina alcoólica 0,5% e bloqueio local com lidocaína a 2% com vasoconstrictor em L invertido (25 mL) e 5 mL na linha de incisão. Posteriormente realizou-se uma incisão linear de aproximadamente 15 cm de diâmetro na pele, musculatura e peritônio, localizado o útero, foi exposto o corno uterino a ser incisionado (corno direito). O feto vivo foi tracionado pelos membros pélvicos, em seguida o útero foi lavado com soro fisiológico 0,9% em jatos. A sutura do útero foi realizada com catagute (2-0) indo e voltando utilizando padrão “Cushing”, antes do último ponto foi colocado dentro do útero, 10 mL de gentamicina como medida profilática a uma possível infecção. Na miorrafia utilizou-se padrão “X” com fio mononylon (0.60), ancorando peritônio, grupos musculares e fáscia. Uma última sutura foi feita na musculatura com padrão Festonado. A dermorrafia foi realizada com padrão “Wolf” separado. E na vulva foi realizada a sutura de “Bunner” para evitar um novo prolapso vaginal. Em seguida o animal foi descontido e levantou-se. Prescreveu-se oxitetraciclina 20 mg/kg por via IM a cada 48 horas (seis aplicações), 5 mL de ocitocina, SC (três dias), 200 mL de gluconato de cálcio diluído em um litro de soro vitaminado a cada 24 horas (dois dias), flunixin meglumine 2mg/Kg IM (quatro dias), limpeza da ferida cirúrgica e spray prata Bactrovet® como repelente. Recomendou-se que o neonato fosse amamentado apenas pelo colostro da mãe nas primeiras horas de vida e posteriormente com leite de outra vaca. Após sete dias foi retirado os pontos da sutura de “Bunner”. Os pontos de pele foram retirados após 15 dias da cirurgia. Pode-se concluir que o tratamento clínico-cirúrgico abordado nas condições de campo evidenciadas foi considerado eficaz.

OCORRÊNCIA DE PARASITAS GASTRINTESTINAIS EM RUMINANTES DE ASSENTAMENTOS NA ZONA DA MATA PERNAMBUCANA

LIMA Michel¹; RIZZO Huber²; DANTAS Jéssica³; LIMA Carlos³; SANTOS Amanda³; SOUZA Lucas³; SOARES Lucas³; APOLINÁRIO Ayna³; JESUS Taile⁴.

1 Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco

2 Docente do curso de Medicina veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco

3 Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco

4 Mestranda do Programa de Ciência Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco

Palavras-chave: OPG; Helmintos; Assentamento.

São vários os problemas e prejuízos que as verminoses podem acarretar nos rebanhos de ruminantes, onde a falta de conhecimento técnico das diversas formas de manejos preventivos levam a um uso exacerbado de medicamentos, à base de anti-helmínticos, acarretando em resistência e queda da eficácia dos mesmos. O clima úmido, favorável à manutenção dos oocistos no ambiente, está presente na região da Zona da Mata Pernambucana causando aumento dos custos de produção, contaminação da carne e do meio ambiente com resíduos químicos de anti-helmínticos, aumento dos índices de mortalidade e baixa produção do rebanho. Durante o ano de 2015 foi realizado um projeto de extensão nos assentamentos dos Engenhos Concórdia e Santa Cruz, na cidade de São Lourenço da Mata, visando orientação e a identificação de falhas de manejo para o combate da verminose. Foram realizadas seis visitas técnicas a nove criadores dos assentamentos, onde se coletou fezes da ampola retal de 47 animais, sendo 21 caprinos, 18 ovinos e 6 bovinos. As fezes foram armazenadas através de refrigeração até a realização do exame de contagem de ovos por grama de fezes (OPG), no Laboratório Clínico de Animais de Produção da UFRPE, para identificação da carga parasitária e de coccídeos dos animais. As amostras de 2 gramas de fezes foram maceradas, diluídas e homogeneizadas em 58ml de solução saturada e peneiradas. O material resultante foi analisado em câmeras de Macmaster e os ovos visualizados em microscópio com objetiva de 40x. No decorrer do acompanhamento dos exames, aplicaram-se medidas para o controle das verminoses nos assentamentos, como oficinas e palestras sobre o método Famacha para acompanhar o grau de anemia dos animais, cuidados a serem tomados com as crias, à importância da esterqueira, métodos corretos para vermifugação, distribuição de folders e cartazes, entre outros. Dos 47 animais avaliados, os 6 bovinos não apresentaram cargas parasitárias significativas para perdas econômicas. A contagem leve, em pequenos ruminantes é de 100 a 2500 ovos, moderada de 2500 a 8000 ovos e pesada acima de 8000 ovos. Dos 21 caprinos, 12 animais apresentaram-se com cargas parasitárias elevadas e 5 moderadas. Os 18 Ovinos, 9 apresentaram-se com cargas parasitárias elevadas e 5 moderadas. Do total de ovos encontrados, *Trichostrongylus spp.* foram detectados em uma frequência de 56%, *Strongyloides spp.* 25%, *Moniezia spp.* 12% e *Eiméria spp.* 7%. Todos os criadores faziam uso de vermífugos sem possuir um controle na utilização e todos não sabiam a data correta da última vermifugação dos animais. Após 10 meses de acompanhamento, os participantes conheceram todas as fases de desenvolvimento das enfermidades parasitárias podendo controlar, e assim, continuaram com o controle em suas parcelas e disseminar o conhecimento para os próximos.

Eficácia de anti-helmínticos aos nematoides gastrintestinais dos asininos do IFPB, campus Sousa-PB.

COSTA, Paulo Wbiratan Lopes¹; VILELA, Vinícius Longo Ribeiro¹; FEITOSA, Thais Ferreira ¹; SEGUNDO, Francisco Alípio de Sousa¹; SALES, Ícaro Costa de¹; NETO, Vicente Antônio da Silva¹; FERREIRA, Luis Eduardo Pereira de Andrade¹;

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Palavras-chave: Resistência parasitária; Equídeos; Antiparasitário.

A sanidade e bem-estar dos asininos requer uma gama de fatores que são variáveis de acordo com seu manejo e cuidados. Em meio a esses, o parasitismo apresenta lugar de destaque, devido suas consequências, principalmente no que diz respeito aos endoparasitas gastrintestinais que afetam o desempenho e a produtividades dos animais, causando problemas como anemia, diarreia, perda de peso, pelos sem brilho e eriçados, anorexia, baixa fertilidade e redução no ganho de peso. Entre as drogas que buscam seu controle é válido ressaltar que seu uso indiscriminado pode causar resistência anti-helmíntica, problema que afeta sua sanidade, bem-estar e aspectos reprodutivos dos asininos. Deste modo, objetivou-se avaliar a eficácia da Ivermectina – 1%, em nematoides gastrintestinais dos asininos do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, campus Sousa-PB. Foram utilizados oito asininos, quatro fêmeas e quatro machos, idades variando entre 8 a 12 anos. No dia zero (D0) foram coletadas as fezes para realização de contagem de Ovos Por Grama de fezes (OPG) e os animais foram vermifugados, utilizando a dosagem de ivermectina injetável 1% na dose de 1 mL/50kg. Sete dias (D7) após a aplicação do vermífugo foi feita uma nova coleta de fezes e realização de novo OPG. No dia 0 (D0) - os asininos variavam seu grau de infecção de leve a severa. A ivermectina – 1%, apresentou 100% de eficácia, uma vez que a média do OPG no dia zero foi 668,75. No dia sete a média foi zero. Obtendo a eficácia de 100%. Desta forma, conclui-se que a ivermectina apresentou altamente efetivo sobre os nematoides gastrintestinais dos asininos do IFPB, campus Sousa-PB.

COMPRESSÃO ESOFÁGICA EM OVINO – RELATO DE CASO

LIMA, Carla Cibelle da Silva¹; MEDEIROS, Yasmim Cristine Costa de¹; DUTRA, Lucas da costa¹; LINHARES, Sauane Richele Rodrigues¹; SANTOS, Bianca Lucena dos¹; MALTA, Karla Campos²; OLIVEIRA FILHO, Ruy Brayner de²; MIRANDA NETO, Eldinê Gomes de³.

- 1 Graduandos em Medicina Veterinária; bellinha.lima@hotmail.com; yasmiim_costa@hotmail.com; lucasdutra@gmail.com; sauanerichele@gmail.com; bicalu00.bl@gmail.com;
2 Médicos Veterinários do HV da UFPB, karla@cca.ufpb.br; ruy@cca.ufpb.br;
3 Professor adjunto do CSTR/UFCG; eldinemneto@hotmail.com;

Palavras-Chave: Linfadenite caseosa; Compressão de esôfago; Regurgitação.

A Linfadenite Caseosa é uma enfermidade causada pela bactéria *Corynebacterium pseudotuberculosis*, um bacilo cocóide Gram-positivo facultativo relacionado ao parasitismo de macrófagos e monócitos. O *C.pseudotuberculosis* infecta linfonodos subcutâneos e/ou viscerais, tendo como fachados clínicos a presença de abscessos subcutâneos e/ou internos causados pelo aumento dos linfonodos. Descreve-se o caso de um ovino Dorper de 3 anos e 8 meses que deu entrada no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (RG 103/16) apresentando um quadro de regurgitação e eliminação de conteúdo alimentar pela cavidade nasal. Na anamnese foi informado que no rebanho havia histórico de linfadenite. O animal se encontrava em bom estado corpóreo e no exame físico não foram identificadas alterações dignas de nota, não se verificou resistência na passagem de sonda orogástrica. Diante da queixa optou-se pela realização de radiografia contrastada do esôfago e Raio-X da região torácica, pois havia a suspeita de compressão esofágica por linfonodo mediastínico ou megaesôfago. A radiografia contrastada não permitiu visualização de dilatação esofágica, porém na radiografia torácica foi visualizada estrutura radiopaca na região de mediastino, informando-se ao proprietário a possibilidade de ser um linfonodo abscedado. Uma vez que animal estava em boa condição corpórea e o acesso cirúrgico para efetuar a drenagem do abscesso era difícil, sugeriu-se ao proprietário o abate, porém o mesmo optou pela permanência do animal no rebanho para aproveitamento da sua capacidade reprodutiva. Três meses após o atendimento inicial o proprietário retornou ao HV com o animal, relatando que as regurgitações estavam mais frequentes, perda de peso e episódios de timpanismo. Nesta ocasião foi possível a realização de endoscopia e identificou-se que a luz esofágica estava sendo comprimida por uma estrutura adjacente ao esôfago (compressão extraluminal) e havia resistência à passagem da sonda orogástrica (aproximadamente 70 cm da cavidade oral). Considerando a relutância do proprietário em proceder ao abate do animal levantou-se a possibilidade de realização de toracotomia para avaliação da estrutura e eventual drenagem. Durante o procedimento o aumento de volume foi puncionado com agulha acoplada a um equipo e drenado conteúdo purulento caseoso sugestivo de linfadenite caseosa. Uma sonda de Foley foi posicionada na cavidade do abscesso e duas sondas foram fixadas na porção dorsal e ventral do tórax para que se procedesse a lavagem do tórax com soro com PVPI no pós-operatório. A intervenção foi satisfatória ao se considerar que no pós-cirúrgico o animal passou a se alimentar sem a ocorrência de regurgitação, porém devido a patogenicidade do agente não foi possível controlar a infecção apesar de agressiva terapia antimicrobiana e o animal veio a óbito 16 dias após realização da cirurgia. Apesar do desfecho desfavorável desse caso o procedimento cirúrgico realizado deve ser considerado na possibilidade de resolução de casos de compressão esofágica.

INSUFICIÊNCIA CARDÍACA SECUNDÁRIA À BRONCOPNEUMONIA EM BEZERRO – RELATO DE CASO

MEDEIROS, Yasmim Cristine Costa de¹; LIMA, Carla Cibelle da Silva¹; DIAS, Francisca Mônica Couras¹; DUTRA, Lucas da Costa¹; FREIRE, Lais Querino Barboza¹; SOBRINHO, José Paulo de Araújo, MALTA, Karla Campos²; SIMÕES, Sara Vilar Dantas³; LUCENA, Ricardo Barbosa³.

1 Graduandos do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba. yasmiim_costa@hotmail.com; bellinha.lima@hotmail.com; monica_couras@hotmail.com; laisqfreire@gmail.com; lucascdutra@hotmail.com;

2 Médica Veterinária da Clínica de Grandes Animais – HV/UFPB. karla@cca.ufpb.br;

3 Professores adjuntos do Departamento de Ciências Veterinárias, curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba. saravdsimoes@gmail.com; lucena.rb@gmail.com;

Palavras-chave: Broncopneumonia; Insuficiência cardíaca; Cor pulmonale; Ruminantes.

A broncopneumonia caracteriza-se pela alteração inflamatória dos brônquios, bronquíolos e parênquima. A não resolução do quadro pulmonar, como nos casos de falhas terapêuticas, pode levar a um quadro de cor pulmonale. O cor pulmonale é definido como uma alteração na estrutura e no funcionamento do ventrículo direito decorrente de doença pulmonar. Relata-se um atendimento clínico realizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (RG 1673/16) a uma bezerra, mestiça, quatro meses de idade, 80 kg, com histórico de broncopneumonia recidivante. No momento do atendimento o animal apresentava dispneia mista, tosse, postura ortopneica, taquicardia e taquipneia. A ausculta pulmonar revelava sibilos, crepitações discretas e áreas de silêncio pulmonar. A avaliação ultrassonográfica da área pulmonar demonstrou menor reverberação, pontos hiperecóticos no parênquima pulmonar ventral próximo ao coração e pleura espessa sem deslizamento normal. Prescreveu-se um tratamento inicial a base de tilosina (15 mg/kg a cada 24 horas durante cinco dias), dexametasona (0,2 mg/kg) no primeiro dia e flunixin meglumine (1,1 mg/kg) do segundo ao quarto dia. O animal não respondeu ao tratamento prescrito e cinco dias após entrada no HV além do quadro respiratório demonstrava sinais de insuficiência cardíaca direita (ingurgitamento de jugular com estase positiva, fluxo venoso positivo e sopro mais audível no lado direito) vindo a óbito 8 dias após o atendimento inicial. Durante necropsia identificou-se hiperemia e abscessos pulmonares nas porções cranioventrais dos pulmões. Notou-se ainda a presença de edema submandibular, hidrotórax, hidropericárdio e líquido conteúdo ascítico discreto. O coração se encontrava globoso, aumentado de volume e com dilatação significativa da câmara direita, que também apresentava paredes delgadas. Os sinais clínicos e os achados de necropsia demonstram que o animal teve uma insuficiência cardiorrespiratória. A manifestação inicial de um problema pulmonar sugere que o coração foi acometido secundariamente. A má oxigenação dos alvéolos ou doença pulmonar intersticial provavelmente ocasionou hipertensão na circulação pulmonar e, subsequentemente, o cor pulmonale. Quando existe um tipo de doença pulmonar que leva ao aumento da resistência ao fluxo de sangue progressivamente o coração direito vai sendo sobrecarregado. Em uma fase inicial mecanismos compensatórios permitem que o fluxo de sangue não seja prejudicado. Com a permanência da doença pulmonar este mecanismo atingiu seu limite e o coração direito começou a se dilatar, se estabelecendo a insuficiência cardíaca que associada ao quadro pulmonar levou o animal ao óbito. Conclui-se que as broncopneumonias devem ser tratadas de forma precoce e eficiente para evitar complicações cardíacas que podem aumentar a letalidade dessas enfermidades.

INVASÃO CORNEAL DE CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS CONJUNTIVAL EM EQUINO: RELATO DE CASO

DANTAS, Igor Mariz¹; MELO, Alexandra Oliveira²; BARROS, Isabella de Oliveira³; LUCENA, Ricardo Barbosa³; FILHO³, Ruy Brayner Oliveira⁴; SOUZA, Maria de Fátima⁵; TALIERI, Ivia Carmem³

1 Residente em clínica médica e cirúrgica de grandes animais, Clínica de grandes animais, Universidade Federal da Paraíba-UFPB, igormarizveterinariaifpb@gmail.com;

2 Graduando do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, lexa.mello@gmail.com

3 Departamento de Ciências Veterinárias, Centro de Ciências Agrárias, UFPB, campus de Areia – PB. doutorabella@hotmail.com; lucena.rb@gmail.com; ivia@cca.ufpb.br;

4 Clínica de Grandes Animais, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal da Paraíba–UFPB, ruybrayner@gmail.com;

5 Pós-graduada em Ciência Animal, Universidade Federal da Paraíba- UFPB, fatima_vet35@hotmail.com;

Palavras-Chave: Oftalmologia; Neoplasia ocular; Córnea; Cavalo.

O carcinoma de células escamosas é um tumor maligno e metastático dos ceratinócitos causado principalmente por exposição à luz ultravioleta, possui maior prevalência em regiões menos pigmentadas do corpo, como a região ocular, prepúcio e vulva. Quando presente em tecidos oculares, não é comum a sua invasão na córnea. O diagnóstico é feito através de exame histopatológico e o tratamento mais utilizado é a excisão cirúrgica total da massa. Relata-se um caso de carcinoma de células escamosas conjuntival, com invasão da córnea, em um equino da raça Paint Horse, pelagem overo, 15 anos, macho, oriundo do município de Esperança-PB, que foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba, campus de Areia - PB. Durante a anamnese, o proprietário relatou que há seis meses observou uma massa arredondada e de coloração rósea no olho esquerdo do animal, com crescimento progressivo, a qual já havia recebido tratamento sem sucesso, com pomada e colírio cujos nomes não informou. Ao exame oftálmico observou-se neoformação conjuntival rósea, de aspecto verrucoso, que crescia por cima de toda a córnea, porém somente invadia aproximadamente um terço da córnea lateral, causando edema corneal. O animal apresentava déficit visual do olho esquerdo, devido à obstrução do eixo visual causado pela massa. O cavalo foi submetido à excisão cirúrgica da neoformação, sob anestesia geral, a medicação pré anestésica foi realizada com acepromazina (0,1mg/kg, IV) e xilazina (0,7 mg/kg, IV), a indução foi com midazolam (0,1 mg/kg, IV) e cetamina (2mg/kg, IV) e a manutenção anestésica foi com isoflurano por via inalatória. Foi realizada a excisão conjuntival com ampla margem de segurança, associada à ceratectomia lamelar superficial. Empregou-se ainda, para auxiliar na cicatrização da úlcera de córnea provocada pela ceratectomia, o recobrimento com a terceira pálpebra, fixada na pálpebra superior através da conjuntiva bulbar e palpebral, com fio de náilon 3-0. Na análise histopatológica da massa existia partes de córnea e conjuntiva com múltiplas massas neoplásicas organizadas em ilhas de mantos de células epiteliais com intensa disceratose e formação de “pérolas de ceratina”, células com citoplasma eosinofílico de bordas indistintas, núcleo grande, redondo a oval e cromatina frouxa com até três nucléolos evidentes. Foram observadas quatro mitoses atípicas no campo de maior aumento e áreas de necrose e inflamação mista. Com esses achados o diagnóstico foi de carcinoma de células escamosas (CCE) conjuntival com invasão corneal. O tratamento pós-operatório consistiu de meloxicam (IM, 0,6 mg/kg, SID, 3 dias) e tratamento oftálmico com colírio de atropina a 1% (uma gota, SID, 3 dias), pomada oftálmica à base de cloranfenicol e polimixina B (BID), soro sanguíneo autólogo (5 vezes ao dia), durante duas semanas. Após este período, o recobrimento de terceira pálpebra foi retirado e a cicatrização da úlcera de córnea foi constatada pelo teste da fluoresceína. Colírio de dexametasona a 0,1% (QID, 15 dias) foi prescrito, neste momento, visando diminuir a cicatriz da córnea.

SARCOIDE EQUINO

MACÊDO, Isabel Luana¹; SOUTO, Erick Platini de Ferreira²; LIMA, Telma de Sousa³; SILVA, Natanael de Souza³; PEREIRA, Raquel Mota de Freitas¹; AGUIAR, Belisa Araújo¹; MIRANDA NETO, Eldinê Gomes²; DANTAS, Antônio Flávio Medeiros²

1 Graduando do curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB.

2 Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos-PB;

3 Programa de residência multiprofissional da saúde em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos-PB;

Palavras-chave: Neoplasma cutâneo; Dermatopatias; Histopatologia.

Dentre os neoplasmas cutâneos, o sarcoide é o mais frequente em equídeos. É uma neoplasia benigna de origem fibroblástica que possui caráter infiltrativa, não metastizante, sendo sua etiologia não bem definida, podendo acometer animais com idade inferior a quatro anos, independentemente da raça, sexo ou pelagem (Cremasco & Sequeira, 2010). Acredita-se que o vírus do papiloma bovino, especificamente os tipos 1 e 2, esteja envolvido no processo de desenvolvimento da doença (Fernandes, 2007). O objetivo deste trabalho é descrever um caso de sarcoide na região dorsolateral do tórax de um equino. Tratava-se de uma égua de oito anos de idade, sem padrão racial definido, proveniente do município de Patos, Paraíba, atendida no setor da Clínica Médica de Grandes Animais do Hospital Veterinário da UFCG apresentando um aumento de volume nodular e áreas de ulcerações na região dorsolateral do tórax direito, suspeita de lesões secundárias ao uso de esporas. Mediante procedimento de nodulectomia cutânea, o fragmento tecidual colhido foi encaminhado para avaliação histopatológica no Laboratório de Patologia Animal. Macroscopicamente era um nódulo brancacento, de superfície irregular, medindo 2,0 x 1,5 x 1,5cm de extensão. Ao corte, exibia superfície brancacenta, septada e compacta. Microscopicamente, verificou-se neoformação densamente celular, expansiva e infiltrativa, não-encapsulada e que se estendia além dos limites da clivagem. Observou-se área focalmente extensa de ulceração na epiderme, intercalada com áreas de hiperplasia irregular do extrato espinhoso e, na derme, em disposição perpendicular à membrana basal, células neoplásicas assumindo arranjos em forma de feixes irregulares, sobre estroma fibroso pouco vascularizado, caracterizada por células neoplásicas fusiformes, com limites citoplasmáticos indistintos, núcleo variando de redondo a ovalado e sem nucleolos evidentes e figuras de mitoses raras. Havia ainda eosinófilos ocasionais em meio às células neoplásicas e discreto infiltrado inflamatório neutrofílico próximo às áreas de ulceração. De acordo com os achados histopatológicos, a massa corresponde a sarcoide cutâneo tipo fibroblástico. Os sarcoides equinos podem se apresentar de 6 formas (Cremasco & Sequeira, 2010) conforme padrão histopatológico. O tipo fibroblástico está geralmente associado a traumas cutâneos preexistentes, e que nesse caso pode ter sido desencadeado pelas lesões provocadas pelas esporas. Em geral, o prognóstico depende do lugar e do tipo de tratamento (BRUM, 2010), sendo a excisão cirúrgica o método de controle mais eficaz e de onde se obtém maior sucesso.

OSTEOSSÍNTESE DE TERCEIRA FALANGE EM EQUINO: Relato de caso

PEREIRA, Sarah Caetano¹; PEREIRA, Mário César Alves²; ASSIS, Daniel de Medeiros³; MIRANDA NETO, Eldinê Gomes⁴;

1 Graduanda da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Patos-PB. sarah_lavras@hotmail.com;

2 Médico Veterinário da Clínica Veterinária de Equinos, Lavras da Mangabeira-CE. dr.mariocesar@hotmail.com;

3 Médico Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Patos-PB. daniel_medvet@yahoo.com;

4 Professor da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Patos-PB. eldinemneto@hotmail.com;

Palavras-chave: Fratura; Neurectomia; Ortopedia.

Fraturas de terceira falange são relativamente comuns em equinos, causadas principalmente por traumas. O tratamento pode ser conservativo, ou cirúrgico, de acordo com o caso. Foi atendido na Clínica Veterinária de Equinos, em Lavras da Mangabeira – CE, um equino da raça Quarto de Milha, com 4 anos de idade, pesando aproximadamente 450kg. Ao exame clínico o animal apresentou parâmetros fisiológicos normais e claudicação de apoio, grau 3 do membro torácico esquerdo. Realizou-se exame radiográfico constando a presença de fratura, grau II com envolvimento articular do processo palmar medial da terceira falange. Optou-se pelo tratamento cirúrgico com colocação de parafuso intracortical de 3 mm de espessura e 2,5 cm de comprimento. O animal foi submetido a anestesia geral, induzida com cetamina associada a diazepam na mesma seringa, precedida da administração de xilazina, e manutenção anestésica inalatória com Isoflurano. Adicionalmente realizou-se bloqueio perineural dos nervos digitais palmares, com cloridrato de lidocaína, na região média da quartela. O acesso a falange foi feito com furadeira e broca de 3 mm, seguido do uso de broca de 2,5 mm, empregando-se o mach para fazer a rosca e depois a colocação do parafuso, estabilizando-se a fratura. Após este procedimento optou-se pela realização de neurectomia do ramo dorsal medial do nervo digital palmar, buscando os benefícios analgésicos trazidos por este procedimento. O pós-operatório consistiu na associação de Penicilina Potássica (20.000 UI/Kg, IV, BID), Gentamicina (4 mg/Kg, IV, BID), Flunixin Meglumine (1,1 mg/kg, IV), limpeza e bandagem do casco com atadura tipo Flex. O animal apresentou um pós-cirúrgico satisfatório, sem apresentar claudicação e permanecendo em repouso, em baía fechada com cama alta, saindo duas vezes ao dia para exercício leve de caminhada.

OBTENÇÃO DO ÓLEO ESSENCIAL DE *Croton blanchetianus* Baill E AVALIAÇÃO DE SUA AÇÃO CONTRA *Rhipicephalus* (Boophilus) *microplus*

FALCÃO, Brunna Muniz Rodrigues¹; VIEIRA, Ana Karoline Rocha²; CORREIA, Beatriz Barbosa³; AQUINO, Vitória Viviane Ferreira⁴; NASCIMENTO, Maria Jussara Rodrigues⁵; RODRIGUES, Onaldo Guedes⁶

1 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, brunnamrfalcao@hotmail.com;

2 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, karolline_rocha11@hotmail.com;

3 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, biabcorreia@yahoo.com.br;

4 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, vitoria_viviane.lg@hotmail.com;

5 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, jussararodrigues2.0@hotmail.com;

6 Médico Veterinário - Universidade Federal de Campina Grande. Professor Doutor, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, onaldo@cstr.ufcg.edu.br, Bairro Jatobá, Rodovia Patos/Teixeira, Campus Universitário, 0043 Postal 64, CEP: 58700-910, Patos, PB.

Palavras-chave: Extratos botânicos; Semiárido; Carrapato; Ácaros.

O carrapato bovino *Rhipicephalus* (Boophilus) *microplus* é apontado como um dos principais responsáveis por perdas econômicas nos sistemas de produção dos países situados em regiões tropicais e subtropicais. Os prejuízos causados pelo parasita são decorrentes tanto de sua ação direta sobre o hospedeiro como anemias e desvalorização do couro, bem como de perdas indiretas relacionadas à transmissão de hemoparasitoses; como *Babesia sp* e *Anaplasma sp*, que caracterizam o complexo da Tristeza Parasitária Bovina –TPB. Também ocorre a diminuição na produção de leite e carne e altos custos com tratamentos antiparasitários convencionais a base de drogas químicas que contribuem para compor o quadro de agravantes deste parasitismo. A busca de tratamentos naturais e o uso de plantas no controle de ectoparasitos mostrou-se eficaz, podendo até mesmo substituir os produtos convencionais que são comercializados, pois, os produtos fitoterápicos são provenientes de fontes renováveis, de baixo custo e que podem ser feitos na própria propriedade, independente de recursos externos. Assim, objetivou-se estudar a ação biológica de óleos essenciais botânicos da planta *Croton blanchetianus* no controle do carrapato bovino. No qual, as folhas de *C. blanchetianus* foram coletadas no mês de março, no sítio São José do Bonfim –Patos- PB, entre as coordenadas geográficas de latitude de 07°08'20 9" e longitude 037°18'062", no período da manhã. Após a coleta, partes da planta foram levadas para identificação botânica e preparação de exsicata, que foi montada e depositada no Herbário da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos-PB, sob o registro de Número #496 e outra parte da amostra foi encaminhada ao Laboratório Multiusuário de Pesquisas Ambientais (LAMPA) para processamentos de farmacognosia. Os extratos etanólicos foram obtidos das folhas de *C. blanchetianus* pelo método de extração exaustiva a frio com rendimento de 3,29% e 3,26%. Em seguida, os extratos foram submetidos a análises fitoquímica, nos quais foi possível identificar a presença de taninos condensados, flavonóides, flavononas, flavonóis, flavononóis, catequinas e xantonas. Já o óleo essencial foi obtido por hidrodestilação e os seus componentes identificados por CG/EM. Destacaram-se como majoritários o eucaliptol (16,9%), β -cariofileno (15,9%) e germacreno-D (14,5%). Concluído-se que os extratos botânicos de *C. Blanchetianus* apresentam toxicidade contra o carrapato bovino *Rhipicephallus* (Boophilus) *microplus* em momentos importantes do seu ciclo fisiológico.

OBTENÇÃO DO ÓLEO ESSENCIAL DE *Croton heliotropiifolius* E AVALIAÇÃO DE SUA AÇÃO CONTRA *Rhipicephalus (Boophilus) microplus*

AQUINO, Vitória Viviane Ferreira¹; VIEIRA, Ana Karoline Rocha²; FALCÃO, Brunna Muniz Rodrigues³; NASCIMENTO, Maria Jussara Rodrigues⁴; RODRIGUES, Onaldo Guedes⁵

1 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, vitoria_viviane.lg@hotmail.com;

2 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, karolline_rocha11@hotmail.com;

3 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, brunnamrfalcao@hotmail.com;

4 Graduanda em Medicina Veterinária, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB, jussararodrigues2.0@hotmail.com;

5 Médico Veterinário - Universidade Federal de Campina Grande. Professor Doutor, Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, UFCG, Patos, PB. onaldoc@cstr.ufcg.edu.br; Bairro Jatobá, Rodovia Patos/Teixeira, Campus Universitário, 0043 Postal 64, CEP: 58700-910, Patos, PB.

Palavras-chave: Óleo essencial; Carrapatos; Bovinos; Parasitismo.

Os danos causados pelo parasitismo do *Rhipicephalus (Boophilus) microplus*, conhecido popularmente como carrapato-do-boi, afeta significativamente a pecuária brasileira, visto que, compromete a saúde animal, através de ações diretas e indiretas. Além disso, os produtos convencionais que são utilizados deixam resíduos na carne, além de causar resistência e ter o custo elevado, portanto, é fundamental utilizar fontes de controle naturais e renováveis. O presente trabalho teve como objetivo obter o óleo essencial de *Croton heliotropiifolius* e avaliar a sua ação biológica frente o carrapato dos bovinos. Foram coletadas amostras representativas de *Croton heliotropiifolius*, na Fazenda Experimental da Universidade Federal de Campina Grande (NUPEÁRIDO). Em seguida, foram encaminhadas para identificação botânica realizada no Herbário da Caatinga da UFCG. A prospecção fitoquímica foi realizada no Laboratório Multiusuário de Pesquisas Ambientais – LAMPA da UFCG e teve como finalidade identificar os principais metabólitos secundários. Para a extração do óleo essencial, utilizou-se folhas frescas da planta, através do processo de hidrodestilação utilizando um aparelho do tipo Clevenger. Foram coletadas fêmeas ingurgitadas do *Rhipicephalus* e utilizadas três diluições do óleo essencial (1:50; 1:100; 1:250), além de dois grupos controle, um com água destilada e outro com Amitraz, diluído conforme indicação do fabricante. Para cada diluição testada foram utilizadas 5 teleóginas. Na prospecção fitoquímica, foram identificados taninos condensados, flavonas, flavonóis, catequinas, xantonas e flavanonas. Tendo em vista a utilização dos extratos botânicos de *Croton heliotropiifolius*, foi possível validar a toxicidade contra o carrapato *Rhipicephalus (Boophilus) microplus*, pois, considerando os dados obtidos durante o experimento, observou-se interferência da planta no ciclo biológico do ácaro, além disso, constatou-se que a maior concentração do óleo em questão foi o que obteve melhores resultados.

AVALIAÇÃO HEMATOLÓGICA DE CACHORROS-DO-MATO (*CERDOCYON THOUS*, LINNAEUS, 1766) MANTIDOS EM CATIVEIRO NOS ESTADOS DA PARAÍBA E PERNAMBUCO

BERNARDINO, Maria das Graças da Silva¹; MONTEIRO, Manuela Silveira Carvalho²; OLIVEIRA, Rafael Lima de²; SIQUEIRA, Daniel Barreto de³; SOUZA, Denisson da Silva e³; SATAKE, Fabiana⁴

Palavras-chave: Hematologia; Valores de referência; Cativeiro; Animais silvestres.

O cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*, Linnaeus, 1766) é um canídeo de médio porte que possui ampla distribuição no território brasileiro. Atualmente ainda há uma carência de valores de referência de parâmetros hematológicos da maioria das espécies silvestres, incluindo o cachorro-do-mato. Essa escassez de informações ocorre principalmente devido à dificuldade de captura, uma vez que se trata de um animal selvagem. Diante disso, o estudo teve como objetivo contribuir com informações de dados hematológicos de cachorros-do-mato da fauna brasileira. O estudo foi realizado com nove cachorros-do-mato mantidos em cativeiro no Parque Zoobotânico Arruda Câmara, estado da Paraíba e no Centro de Triagem de Animais Silvestres e Parque Dois Irmãos, localizados no estado de Pernambuco. Os animais foram capturados através do uso de puçá, sendo em seguida anestesiados com uma associação de cloridato de xilazina (1-2 mg/kg) e cetamina (10-12 mg/kg), administrados por via intramuscular. Após a sedação colheu-se uma amostra de sangue circulante que foi acondicionado em tubo com EDTA 10% para a realização do hemograma. O hemograma foi realizado no Analisador hematológico veterinário POCH-100iv Diff. Todos os animais foram examinados clinicamente, sendo preenchida uma ficha de exame individual. Vale ressaltar que os animais não apresentavam sinais clínicos de doença e todos foram negativos para *Anaplasma phagocytophilum*, *Anaplasma platys*, *Ehrlichia canis*, *Ehrlichia ewingii*, *Dirofilaria immitis* e *Borrelia burgdorferi* utilizando-se o teste de imunoenzimático Snap@4Dx® (IDEXX Laboratories, EUA). Os valores médios seguidos do desvio-padrão dos parâmetros hematológicos observados foram: Volume globular (L/L) – $0,42 \pm 0,04$; Hematimetria ($10^{12}/L$) - $5,18 \pm 0,44$; Hemoglobina (g/L) – $138,20 \pm 13,40$; Volume globular médio (fL) - $80,22 \pm 2,28$; Concentração da Hemoglobina Globular Média (%) - $33,22 \pm 1,20$; Leucometria global ($10^9/L$) - $9,42 \pm 2,32$; Neutrófilos ($10^9/L$) - $5,19 \pm 0,98$; Linfócitos ($10^9/L$) - $3,10 \pm 1,01$; Eosinófilos ($10^9/L$) - $0,98 \pm 0,62$; Monócitos ($10^9/L$) - $0,16 \pm 0,17$; Plaquetas ($10^9/L$) - $237,18 \pm 86,85$. Esperamos que estes dados contribuam para o estabelecimento de valores de referência de cachorros-do-mato provenientes da fauna brasileira.

ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS NA PARAÍBA

CUNHA, Emmanuel de Assis¹; LINS, Suzanna Cavalcante²; OLIVEIRA, Sylvanna Cavalcante Lins³.

1 Médico Veterinário pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. emmanuel_assis@hotmail.com;

2 Médica Veterinária pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. suzanna.lins@bol.com.br;

3 Enfermeira pela FIP, Especialista em Saúde da Família pela FIP. sylvanna-lins@bol.com.br;

Referências:

BRASIL. Animais peçonhentos. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/acidentes-por-animais-peconhentos>> Acesso em 26/08/16.

Palavras-Chave: Acidentes por animais peçonhentos; Óbitos. Paraíba.

Acidentes por animais peçonhentos, em particular, acidentes ofídicos foram incluídos na lista das doenças tropicais negligenciadas, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que acometem em grande parte dos casos, populações pobres que vivem em áreas rurais. Em 2010, o agravo foi incluído na Lista de Notificação Compulsória do Brasil, na Portaria Nº 2.472/2010 (ratificada na Portaria Nº 104/ 2011). Essa importância se dá pelo alto número de notificações registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), sendo acidentes por animais peçonhentos um dos agravos mais notificados⁴. O objetivo deste resumo foi identificar a quantidade de acidentes notificados por animais peçonhentos no estado da Paraíba no ano de 2015, além de identificar a quantidade de óbitos no mesmo ano, tendo em vista que este número auxilia na estratégia de prevenção e/ou tratamento das pessoas pelo país. Animais peçonhentos são reconhecidos como aqueles que produzem ou modificam algum veneno e têm algum aparato para injetá-lo na sua presa ou predador. Os principais animais peçonhentos que causam acidentes no Brasil são algumas espécies de serpentes, de escorpiões, de aranhas, de lepidópteros (mariposas e suas larvas), de himenópteros (abelhas, formigas e vespas), de coleópteros (besouros), de quilópodes (lacrarias), de peixes, de cnidários (águas-vivas e caravelas), entre outros. Os animais peçonhentos de interesse em saúde pública podem ser definidos como aqueles que causam acidentes classificados pelos médicos como moderados ou graves⁴. Este trabalho foi realizado através de buscas no portal do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), onde são registradas as notificações do SINAN. Foi selecionado Acidente por Animal Peçonhento (como Agravo), e após Paraíba (Abrangência geográfica). Em seguida foi selecionado 2015 (ano). Foram 2.264 (dois mil, duzentos e sessenta e quatro) casos notificados no ano de 2015 no estado da Paraíba. Deve-se observar que o número é alto, mas deve-se lembrar que pode ser maior pelo fato de muitas pessoas não procurarem o serviço de saúde após um acidente por animal peçonhento. Foi selecionado também Óbito pelo Agravo Notificado (Evolução do caso) e percebeu-se que 2 (dois) pessoas morreram decorrente do agravo no mesmo ano. Conclui-se que a partir das análises dos dados do SINAN, a vigilância epidemiológica é o setor capaz de identificar o quantitativo de soros antivenenos a serem distribuídos às Unidades Federadas, além de auxiliar a determinação de pontos estratégicos de vigilância, estruturação das unidades de atendimento aos acidentados, elaboração de estratégias de controle desses animais, entre outros.

FRATURA DE RÁDIO EM CORUJA – RELATO DE CASO

BRAGAGNOLI, André Lacerda¹; SOUZA, Joyce Galvão de¹; NASCIMENTO, Eduardo Melo².

1 Aluno de Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande

2 Professor do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe - UFS

Referências:

AMORIM, T C *et al.* **ALTERAÇÕES ORTOPÉDICAS EM CORUJA-DA-IGREJA (*Tyto alba*) – RELATO DE CASO.**

11ª Semana de educação continuada em medicina veterinária. 2012.

CARPENTER, J W. **Formulário de Animais Exóticos.** 3. ed. São Paulo, MedVet, 2010.

PEREIRA, R J G. Falconiformes e Strigiformes (Águia, Gavião, Falcão, Abutre, Coruja). In.: CUBAS, ZALMIR S.; SILVA, JEANN C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. (Org.). **Tratado de Animais Selvagens.** 1. ed. São Paulo, ROCA, 2006. p. 252–267.

Palavras-chave: Traumatismo; Strigiforme; Rapina.

Uma coruja da espécie *Athene cucularia* foi trazida ao Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande por um morador da cidade de Patos-PB que a encontrara em mau estado próximo a sua residência. Após a realização do exame clínico pôde-se constatar lesão em sua asa esquerda, com presença de hemorragia e edema na região próxima à articulação úmero-rádio-ulnar. De acordo com Amorim (2012), o exame radiográfico em lesões ortopédicas de aves de vida livre é indispensável para escolha do tratamento. A ave foi então encaminhada para o setor de diagnóstico por imagem do referido hospital para realização de exame radiográfico. Após ser revelada a imagem do exame radiográfico pôde-se constatar presença de fratura na porção proximal do rádio. Após confirmação do diagnóstico de fratura, optou-se por realizar um tratamento conservador na ave, com a imobilização do membro com bandagem e internação do paciente. Os fármacos e doses para antibioticoterapia e tratamento da dor foram escolhidos segundo os dados de Carpenter (2010) e Pereira (2006), bem como a verificação da disponibilidade dos mesmos na cidade. Para o tratamento de suporte foram administrados 10mg/kg de Enrofloxacin IM a cada 12 horas durante 5 dias para se evitar infecções secundárias e 0,2mg/kg de Meloxicam IM a cada 24 horas durante 5 dias para amenizar a dor e a inflamação (CARPENTER, J W. 2010; PEREIRA, R J G. 2006). A opção do tratamento conservador por imobilização da fratura foi escolhida visto que a amputação não era uma alternativa viável, já que o animal era de vida livre e a cirurgia ortopédica seria muito delicada e arriscada para o paciente. Após 20 dias de internação a ave foi submetida a novo exame radiográfico, não qual foi constatada a consolidação óssea do rádio de forma correta. Após 25 dias o animal foi solto, sendo escolhido para a soltura um local onde esta espécie habita normalmente. Fatores como urbanização, desmatamentos e crescimento da população podem gerar conflitos entre os animais silvestres e a população, sendo esta aproximação, muitas vezes prejudicial. No caso desta coruja, tudo indica que a lesão observada foi criada através de contato com seres humanos, muito provavelmente o animal foi atingido por uma pedra.

PNECTOMIA EM JABUTI PIRANGA (*Geochelone carbonaria*) – RELATO DE CASO

BRAGAGNOLI, André Lacerda¹; SOUZA, Joyce Galvão de¹; NASCIMENTO, Eduardo Melo².

1 Aluno de Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande

2 Professor do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe - UFS

Referências:

PINHEIRO, FP; MATIAS, CAR. Fauna silvestre apreendida e resgatada no estado do Rio de Janeiro no ano de 2003. In: ANAIS DO CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ZOOLOGICOS DO BRASIL, 2004. Fundação RioZoo, 2004.

Palavras-chave: Quelônio; Prolapso de pênis.

No Brasil, o jabuti piranga (*Geochelone carbonaria*) é provavelmente o quelônio que mais tem sido mantido em cativeiro como animal de estimação, devido a fatores culturais e amplo comércio ilegal (PINHEIRO; MATIAS, 2004). Um exemplar da espécie *Geochelone carbonaria* foi encaminhado ao Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG com prolapso de pênis, o qual também apresentava edema, inflamação, infecção e necrose. O animal foi encaminhado para o centro cirúrgico de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande para realização de penectomia. Inicialmente foi realizada a medicação pré-anestésica no animal com Midazolam (2mg/kg IM) e Cetamina (30mg/kg IM). Após se verificar o relaxamento muscular do animal, este foi encaminhado para a sala cirúrgica para, inicialmente, realizar a anestesia epidural. A anestesia epidural foi realizada com Lidocaína a 2% com vasoconstrictor e a dosagem usada foi de 0,1ml para cada 5cm de carapaça. Para realização da anestesia epidural, o animal foi posto sobre um pote para melhor contenção. Foi confirmado que estava totalmente relaxado e, em seguida a agulha para anestesia epidural foi introduzida na parte dorsal do terço final da cauda. Para manutenção da anestesia, a cabeça do animal foi introduzida em uma máscara de fabricação artesanal e o fármaco utilizado foi Isoflurano. Foi realizada a assepsia do local da cirurgia com Clorexidina e a cirurgia se iniciou com a ligadura em massa, individualmente dos corpos cavernosos expostos do pênis do animal com fio absorvível durável na região cranial à área necrótica. A incisão foi realizada na parte proximal da área com necrose, removendo todo o tecido morto. As extremidades do coto foram suturadas com linha absorvível e em seguida o coto foi reposicionado devidamente em seu lugar no interior da cloaca. Após a realização da cirurgia, foram administrados 5mg/kg IM de Enrofloxacina a cada 24 horas durante 5 dias para evitar infecções e 0,2mg/kg IM de Meloxicam para analgesia pós-operatória. A intervenção cirúrgica e o suporte medicamentoso, além do conhecimento sobre a espécie, foram de fundamental importância para se restaurar a qualidade de vida do animal e impedir que o processo infeccioso se disseminasse. O animal se recuperou da cirurgia e foi recomendado ao proprietário que trouxesse o animal para acompanhamento, porém, o mesmo não retornou, o que impossibilitou o acompanhamento pós-operatório.

ABCESSO SUBMANDIBULAR EM CUTIA (*Dasyprocta Prymnolopha*) – RELATO DE CASO

CARREIRO, Artur da Nóbrega²; OLIVEIRA, Michel Gonçalves de¹; SOUZA, Joyce Galvão de¹; ARAÚJO, Débora Vitória Fernandes de¹; DINIZ, João Augusto Rodrigues Alves¹; FARIAS, Alick Sulliman Santos de¹; MAIA, Amara Fernandes¹; FALCÃO, Bruna Muniz Rodrigues¹; SANTOS, Nayádjala Távita Alves dos¹; MENEZES, Danilo José Ayres de³;

1 Aluno de Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande.

2 Aluno do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande.

3 Professor dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande.

Referências:

CUBAS, S.Z.; SILVA, R.C.J.; DIAS, C.L.J.. **Tratado de animais selvagens. Medicina Veterinária**. 2. Ed. São Paulo: Rocca, 2014.

BERNARDES FILHO, Fred et al. Staphylococcal abscess caused by trauma with a rosebush aculeus (Plantae, Rosaceae): apropos of a case. **An. Bras. Dermatol.**, Rio de Janeiro, v. 88, n. 6, p. 1036-1038, Dec. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962013000601036&lng=en&nrm=iso>. access em 28 Aug. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/abd1806-4841.20132864>.

Palavras-chave: Roedor; Dermatologia; Clínica.

A cutia (*Dasyprocta sp*) é um mamífero do tipo roedor da subordem Stricognatha, faz parte da família Dasyproctidae, são grandes roedores com peso médio de 4,53kg (fêmea) e 4,37kg (macho), característicos por apresentar uma cabeça robusta, olhos grandes, orelhas pequenas e apresentam uma pelagem de efeito dourado, é um animal neotropical que se adaptada às condições adversas do semi-árido devido a sua rusticidade e tem como base em sua alimentação folhas, raízes, flores, fungos, sementes, e frutos caídos, por serem monogâmicos e viverem em casais apresentam territorialidade marcante e reduzida prolificidade (CUBAS; SILVA; DIAS, 2014). Abscessos cutâneos podem ser resultados de um trauma local, queimaduras, corpos estranhos e disseminação hematogênica, são definidos como acúmulos de secreção purulenta localizados na derme e no tecido subcutâneo, com etiologia estreptocócica ou estafilocócica. Na clínica, o abscesso é identificado devido sua apresentação de nódulo flutuante e com escoamento de secreção purulenta, além dos sinais de inflamação (dor, inchaço, calor e vermelhidão). Seu diagnóstico é clínico e deve ser investigado baseado história epidemiológica (BERNARDES FILHO, et al., 2013). Foi atendido um animal da espécie *Dasyprocta prymnolopha*, a qual apresentava um inchaço na região submandibular esquerda. Observou-se que esse inchaço se apresentava móvel, quente e de aparência avermelhada. Constatou-se que este inchaço se tratava de um abscesso. Procedeu-se com a terapia antibiótica a base de clindamicina na dose 5mg/kg via injetável intramuscular, e um suporte vitamínico a base de vitamina A, durante 8 dias. No quinto dia de tratamento o animal chegou a fistular o abscesso, após isso complementou-se o tratamento com a terapia tópica a base de gentamicina. No oitavo dia o animal apresentava a região afetada totalmente cicatrizada.

SARNA AURICULAR EM COELHO – RELATO DE CASO

BRAGAGNOLI, André Lacerda¹; SOUZA, Joyce Galvão de¹; ALEXANDRE, Peterson Renê da Silva¹; NASCIMENTO, Eduardo Melo².

¹ Aluno de Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande

² Professor do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Sergipe – UFS

Referências:

CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. (Org.). **Tratado de Animais Selvagens**. 1. ed. São Paulo, ROCA, 2006. p. 252–267.

FERREIRA, S. R. A. **Eficiência na avaliação econômica do uso do ivermectin, triclorfon e monossulfiram no tratamento da sarna sarcóptica de coelhos**. Minas Gerais: UFMG, 1987.

JEPSON, L. **Clínica de animais exóticos: referência rápida** [tradução Renata Scavone de Oliveira, et al.]. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

Palavras-chave: *Oryctolagus cuniculus*; *Psoroptes cuniculi*.

Sendo composta por duas principais famílias, Ochotonidae e Leporidae, a ordem Lagomorpha vem tendo cada vez mais seus representantes no mercado e no cotidiano dos seres humanos. Sendo constituída de 3 gêneros e 54 espécies a família Leporidae, se torna destaque por ser, atualmente, muito difundida e ser mais comumente mantida em cativeiro. Destaca-se então, o gênero *Oryctolagus* o qual possui 11 espécies, dentre elas o *Oryctolagus cuniculus*, mais conhecido como coelho doméstico (CUBAS, 2006). Os ácaros causam inflamação do epitélio que passa a apresentar áreas hemorrágicas e até ulceradas, causando um prurido intenso provocando muita coceira e inquietude no animal (CUBAS, 2006; FERREIRA, 1987). Um coelho (*Oryctolagus cuniculus*) foi encaminhado ao Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande apresentando uma crosta floculenta, de coloração acinzentada que preenchia o pavilhão auricular externo e interno. Depois da devida contenção para o exame físico, utilizou-se um otoscópio, onde se pôde observar a movimentação de ácaros. Realizou-se a coleta desse material crostoso e este conteúdo foi encaminhado para o setor de Microbiologia onde foi solicitado o exame de ectoparasitas, que confirmou a presença de *Psoroptes cuniculi*. Após a avaliação física do animal e exames clínicos diagnosticou-se uma otite causada por sarna onde se estabeleceu um protocolo de tratamento semelhante aos descritos na literatura por Cubas (2006) e Jepson (2010). O tratamento iniciou-se com a limpeza do pavilhão auricular retirando-se as crostas e lavagem com soro fisiológico. Após a confirmação da suspeita inicial, iniciou-se então, o tratamento contra sarna, utilizando-se Ivermectina na dose de 0,2mg/kg, por via subcutânea, com repetição após 14 dias, e também Moxidectina, na dose de 0,2 mg/kg, por via oral com uma repetição após 10 dias. Aconselhou-se a higienização do local além do vermífugo. A limpeza do pavilhão auricular deve ser realizada de forma constante, tomando-se o devido cuidado caso exista a presença de ferimentos, realizando-se a limpeza com medicamentos de uso tópico, sendo o tratamento não inferior a 30 dias, como exemplo a Dexametasona, e produtos otológicos (CUBAS, 2006). O retorno do animal foi marcado para 12 dias, entretanto o proprietário não compareceu, evitando assim, observar a evolução do tratamento.

O CONHECIMENTO DE PRÁTICAS SANITÁRIAS NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS INFECCIOSAS EM BAIROS PERIFÉRICOS DO MUNICÍPIO DE PATOS – PB

RAMALHO, Gisele Cândida¹; LACERDA, Rafael Dantas Lacerda¹; SALES, José Emanuel de Souza¹; SOUZA, Mateus Freitas de¹; SOUZA, Robério Gomes de¹; HIGINO, S. S. S.²

1 Graduandos em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB;

2 Doutor em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB.

higinoss@gmail.com;

Projeto vinculado a Pró-reitora de Pesquisa e Extensão da UFCG – PROPEX;

Referências:

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A Saúde e seus Determinantes Sociais. *Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p.77-93, 2007.

Palavras-chave: Extensão; Comunidade; Conscientização; Zoonoses.

A maioria das doenças surgem muitas vezes pela falta de informação da população ou devido à ausência de assistência por parte do poder público. Para que se busque uma melhoria nesta realidade é necessário a implantação de estratégias que busquem informar e capacitar as comunidades, trabalhando mais profundamente na dinâmica social local, integrando ações educativo-preventivas e sendo de fácil acesso à população, por conseguinte, proporcionando uma grande potencialidade no enfrentamento do quadro de adoecimento e morte. Portanto, o objetivo do presente trabalho é atuar por meio de oficinas em diferentes bairros do Município de Patos – PB, com o intuito de capacitar a comunidade no tocante a execução de medidas eficazes para a prevenção de doenças infectocontagiosas. O referido projeto realizou parcerias com as comunidades do Alto da Tubiba, Mutirão, Monte Castelo, além da Associação dos pescadores de Patos e da Pastoral da Juventude do Jatobá. As estratégias metodológicas baseiam-se na realização de oficinas com esses grupos em um espaço de tempo cedido por estes durante suas reuniões mensais. São abordados os conceitos básicos sobre a epidemiologia das doenças de origem parasitária, bacteriana, viral e fúngica presentes na região, assim como seus métodos de controle, além das estratégias profiláticas relacionadas as doenças transmitidas por vetores e aquelas transmitidas por alimentos, as atividades de encerramento consistem em orientações acerca dos princípios da posse responsável de animais além dos cuidados indispensáveis para com estes na prevenção das zoonoses. Estas palestras baseiam-se na apresentação de informações, dispostas numa linguagem acessível ao nível de escolaridade e a idade dos participantes. Para isso, utilizam-se ferramentas multimídia como computador e projetor de slides, além da realização de demonstrações práticas e utilização de outras ferramentas didáticas como distribuição de folders informativos. Até o presente momento, foram realizadas 12 oficinas. Nestas, tem-se observado um excelente grau de aceitação e participação por parte desses grupos. Estudos têm mostrado como a maioria das mortes por doenças infecciosas acontecem em famílias vivendo em situações especiais de risco. Assim, a atenção diferenciada a essas famílias pode ter um significativo impacto na redução da mortalidade. É possível então sugerir que o acompanhamento diferenciado a tais famílias possa ter um importante impacto na frequência e na intensidade de acometimento de muitas doenças infecciosas na população como um todo (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Portanto, não é suficiente o combate direto às enfermidades infecciosas por meio apenas do antigo modelo curativo. É preciso intervir, também, no ecossistema biológico e principalmente sociocultural por onde transita a doença infecciosa para que só então se consiga uma mudança efetiva em sua casuística.

PRÁTICA DA GUARDA RESPONSÁVEL POR TUTORES DE CÃES E GATOS EM AREIA-PB

MONTEIRO, Lorena Lúcia Cardoso¹; SANTOS, Yasmim Silva¹; RODRIGUES, Thiene de Lima.¹; HENRIQUE, Gabriela Costa Santina; FREIRE, Laís Querino Costa; LEITE, Lis de Souza Ramalho¹; NETO, José Ferreira da Silva²; RIBEIRO, Luana Paula da Silva³; BUQUERA, Luiz Eduardo Carvalho.⁴

1 Graduandos do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

lorenacmonteiro@gmail.com;

2 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

3 Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

4 Professor Adjunto do Departamento de Ciências Veterinárias, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

Palavras-Chave: Bem-estar animal; Zoonoses; Saúde animal; Guarda responsável.

Os animais de companhia estão cada vez mais próximos aos humanos, sendo considerados por muitos como membros da família, assumindo influência direta no estilo de vida das pessoas. No Brasil, estima-se que 60% das residências possuem animais de estimação. Diante da escassez de informações aos tutores de animais, bem como do grande número de animais errantes e da alta possibilidade de ocorrência de zoonoses, objetivou-se esclarecer relevância do papel desempenhado pelo acompanhamento veterinário durante a vida dos animais de companhia junto à população de Areia-PB e com isso conhecer as atitudes e o grau de comprometimento dos tutores para com seus animais. A ação extensionista denominada “Caravana Veterinária” foi realizada no dia 06 de dezembro de 2014 por meio de uma parceria do projeto de extensão intitulado “Cães e gatos – controle populacional por meio de esterilização cirúrgica e educação para posse responsável” e a Secretaria de Saúde do município de Areia, Paraíba. Foi escolhido um ponto central da cidade, onde realizou-se atendimento veterinário gratuito para cães e gatos, além de doação de vermífugos, aplicação de produto ectoparasiticida, vacinação antirrábica para os animais que não foram vacinados durante a campanha anual e orientação sobre protocolos de vacinação e combate a carrapatos e pulgas. A partir de dados primários, obtidos por meio de aplicação de questionários, foi realizada pesquisa de campo de caráter quantitativo para descrever as características da situação referente aos hábitos da população em relação ao bem estar e guarda responsável dos animais de companhia. Dos 50 questionários analisados, a maioria nunca levou seus animais para consulta com veterinário (42%), apenas 10% providenciaram aplicação de vacina antirrábica e polivalente, 30% realizam desparasitação periodicamente e 90% dos animais não foram esterilizados. Quando questionados sobre a possibilidade de castração de seus animais, 48% dos proprietários afirmaram que castrarão, enquanto 52% não o fariam. Percebeu-se que ainda há falta de informações a respeito de conceitos indispensáveis para conferir uma melhor qualidade de vida aos animais como, por exemplo, informações à respeito do esquema vacinal e dos benefícios da castração. Dessa forma concluímos que a execução de demais trabalhos de educação para guarda responsável e de atendimento veterinário aos animais da população da cidade torna-se imprescindível.

LEPTOSPIROSE NO ESTADO DA PARAÍBA

LINS, Suzanna Cavalcante¹; CUNHA, Emmanuel de Assis²; OLIVEIRA, Sylvanna Cavalcante Lins³.

1 Médica Veterinária pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. suzanna.lins@bol.com.br;

2 Médico Veterinário pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. emmanuel_assis@hotmail.com;

3 Enfermeira pela FIP, Especialista em Saúde da Família pela FIP. sylvanna-lins@bol.com.br;

Referências:

BRASIL. Leptospirose. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/leptospirose>> Acessado em: 15/08/2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2015. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?lang=&sigla=pb>>. Acessado em: 02/08/2016.

Palavras-chave: Leptospirose; Paraíba; Zoonose.

Doença infecciosa febril, de início abrupto, cujo espectro pode variar desde um processo inaparente até formas graves. Trata-se de uma zoonose de grande importância social e econômica. Apresenta elevada incidência em determinadas áreas, alto custo hospitalar e perdas de dias de trabalho, além do risco de letalidade, que pode chegar a 40%, nos casos mais graves. Sua ocorrência está relacionada às precárias condições de infraestrutura sanitária e alta infestação de roedores infectados. As inundações propiciam a disseminação e a persistência do agente causal no ambiente, facilitando a ocorrência de surtos. O objetivo deste resumo foi identificar a quantidade de casos notificados e confirmados de usuários com Leptospirose no Estado da Paraíba no ano de 2015. No Brasil, a leptospirose é uma doença endêmica, tornando-se epidêmica em períodos chuvosos, principalmente nas capitais e áreas metropolitanas, devido às enchentes associadas à aglomeração populacional de baixa renda, às condições inadequadas de saneamento e à alta infestação de roedores infectados. Algumas profissões facilitam o contato com as leptospirosas, como trabalhadores em limpeza e desentupimento de esgotos, garis, catadores de lixo, agricultores, veterinários, tratadores de animais, pescadores, militares e bombeiros, dentre outros. Contudo, a maior parte dos casos ainda ocorre entre pessoas que habitam ou trabalham em locais com infraestrutura sanitária inadequada e expostas à urina de roedores. Existem registros de leptospirose em todas as unidades da federação, com um maior número de casos nas regiões sul e sudeste. A doença apresenta uma letalidade média de 9% ⁽⁴⁾. Este trabalho foi realizado através de buscas no portal do DATASUS, onde são encontradas as fichas do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foi selecionado Leptospirose (como Agravado), e após Paraíba (Abrangência geográfica). Em seguida foram selecionados 2015 (ano). Foram 6 de leptospirose humana de casos confirmados notificados no SINAN no ano de 2015 no estado da Paraíba. Deve-se observar que 6 casos é um número pequeno tendo em vista que o estado da Paraíba tem 223 municípios, com estimativa de 3.972.202 habitantes no ano de 2015 ⁽⁵⁾. Conclui-se então, que a população deve ser informada sobre o número de casos e as localidades diagnosticadas com leptospirose para evitar o aumento de pessoas com a doença, principalmente as profissões de risco.

LEISHMANIOSE VISCERAL NO RIO GRANDE DO NORTE

CUNHA, Emmanuel de Assis¹; LINS, Suzanna Cavalcante²; OLIVEIRA, Sylvanna³
Cavalcante Lins .

4 Médico Veterinário pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. emmanuel_assis@hotmail.com;

5 Médica Veterinária pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. suzanna.lins@bol.com.br;

6 Enfermeira pela FIP, Especialista em Saúde da Família pela FIP. sylvanna-lins@bol.com.br;

Referências:

BRASIL. Descrição da doença. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/726-secretaria-svs/vigilancia-de-a-a-z/leishmaniose-visceral-lv/11330-descricao-da-doenca>> Acesso em: 26/08/16.

BRASIL. Guia de bolso: doenças infecciosas e parasitológicas. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. 8. ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. P.267-273.

Palavras-chave: Leishmaniose Visceral Humana.; Rio Grande do Norte; Zoonose.

No Brasil, a Leishmaniose Visceral (LV) é uma doença endêmica, no entanto têm sido registrados surtos frequentes. A LV é uma zoonose causada por um protozoário da espécie *Leishmania chagasi*. É conhecida como calazar, esplenomegalia tropical e febre dundun. O objetivo deste trabalho foi analisar a quantidade de casos notificados no estado do Rio Grande do Norte no ano de 2015, assim como a quantidade de óbitos no mesmo ano nesse estado. O ciclo evolutivo dessa doença apresenta duas formas: amastigota, parasita intracelular obrigatório em mamíferos e promastigota,

presente dentro do tubo digestivo do vetor (flebotomo)⁴. Na área urbana, o cão é a principal fonte de infecção. A enzootia canina tem precedido a ocorrência de casos humanos e a infecção em cães tem sido mais prevalente que no homem. A transmissão ocorre através da fêmea do flebotomo da espécie *Lutzomyia longipalpis*⁵, popularmente conhecido como mosquito-palha. A doença era tida como doença de caráter eminentemente rural, mas recentemente vem se expandindo para áreas urbanas

de médio e grande porte e se tornou um problema crescente de saúde pública no país. Este trabalho foi realizado através de buscas no portal do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), onde são registradas as notificações no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foi selecionado Leishmaniose Visceral (como Agravado), e após Rio Grande do Norte-RN (Abrangência geográfica) seguido por 2015 (ano). Logo após, foi selecionado Óbito por LV (Evolução do caso). Foram 74 (setenta e quatro) casos de LV em humanos confirmados no ano de 2015 no RN e, registrados 6 (seis) óbitos por LV humana de casos confirmados notificados no SINAN no ano de 2015 no RN. Conclui-se que precisam-se intensificar as atividades de combate e prevenção da LV, para evitar novos casos de usuários com esta doença, assim também evitar novos óbitos.

O AMBIENTE E O DESTINO DADO AOS CÃES E GATOS QUE MORREM NAS COMUNIDADES RURAIS

NOBRE Cláudia Rafaela Soares¹; ALVES Nilza Dutra²; COSTA Vanessa Kaliane Nunes³; ANDRADE NETO Domingos⁴; SILVA MELO Francisco das Chagas⁵; FEIJÓ Francisco Marlon Carneiro⁶; MARQUES Kayana Cunha⁷; SILVA Thayane Cristina Carneiro⁸; LOPES Higor Gomes⁹; MARINHO Allysson Vinícios Benevides¹⁰

1 Médica veterinária. claudiasoaresnobre@gmail.com;

2 Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA). nilza@ufersa.edu.br;

3 Discente de Pós-graduação em Ambiente Tecnologia e Sociedade da UFERSA. kalianencosta@hotmail.com;

4 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. domingos.netto@hotmail.com;

5 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. meloidiarn@gmail.com;

6 Docente do curso de Medicina Veterinária da UFERSA. marlon@ufersa.edu.br;

7 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. kayanamarques@hotmail.com;

8 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. taianesilva@live.com;

9 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. higatoo@uahoo.com.br;

10 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. abenevidesmarinho@yahoo.com.br;

Palavras-chave: Animais; Comunidade; Óbito; Destino.

O ambiente onde vivemos é fundamental para o bem-estar dos animais humanos e não humanos e medidas que possam melhorar e cuidar do ambiente são necessárias para que possamos mantê-lo em equilíbrio e desta forma preservarmos a vida animal e vegetal. O perfeito destino dado aos animais que vêm ao óbito nas comunidades é essencial para que possamos conservar um ambiente adequado à vida. No entanto, um estudo sobre o destino dados aos animais mortos nas comunidades rurais trará informações importantes que poderão contribuir para a sensibilização das pessoas das comunidades. Desta forma o presente trabalho objetivou analisar o destino dado aos cães e gatos que morrem nas comunidades rurais de Mossoró/RN. Para atingir os objetivos foi aplicado um questionário a 129 tutores de cães e gatos das comunidades rurais de Mossoró/RN. Este trabalho foi submetido ao comitê de ética e pesquisa da UERN-CEP/UERN e aprovado com um nº de parecer 1.020.216 com data de relatório de 07/04/2015. De acordo com os resultados obtidos sobre o destino dos animais após a morte observou-se que 71,87% acreditam que jogar fora em terrenos baldios ou em locais distantes da sua própria residência seria a melhor opção, 14,06% optam por enterrar os seus animais nos quintais dos seus domicílios, 11,71% dos entrevistados acreditam que queimar seus animais seria a melhor alternativa após a morte, enquanto que 1,56% da população optam por chamar o centro de controle de zoonoses (CCZ) para realizar o recolhimento do corpo dos animais. E apenas 0,78% dos entrevistados afirmaram não saber qual providência tomar quanto o destino dos animais após a morte. Pode-se citar que enterrar os animais nos próprios quintais seria inadequado, pois se torna perigoso para a saúde pública, em vista de que o corpo iria se decompor, contaminando o solo, transmitindo assim doenças e principalmente a contaminação do lençol freático. Como não são disponibilizados cemitérios para os animais e nem esses são submetidos a uma vigilância rigorosa, a atitude mais correta seria que o próprio Município viesse dispor de recursos que solucionassem esse problema. Entretanto, verificamos que apenas 1,56% da população estudada optou pelo o mais plausível que seria o recolhimento através do CCZ conforme a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, sendo esta função do poder público do Município. Desta forma, pode-se concluir que a população das comunidades rurais de Mossoró/RN não tem dado o destino correto aos animais que vêm ao óbito, podendo contribuir para a contaminação do ambiente. Deve-se ainda, o poder público esclarecer a essa população que uma das funções da Unidade de Vigilância Sanitária é recolher as carcaças dos animais pois o mesmo encontra-se com ações conjuntas com a secretária de Saúde do Município e do Meio Ambiente.

ÓBITOS POR LEISHMANIOSE VISCERAL HUMANA NO ESTADO DA PARAÍBA

LINS, Suzanna Cavalcante¹; CUNHA, Emmanuel de Assis²; OLIVEIRA, Sylvanna³
Cavalcante Lins.

1 Médica Veterinária pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. suzanna.lins@bol.com.br;

2 Médico Veterinário pela UFCG, Especialista em Saúde Pública pela FIP. emmanuel_assis@hotmail.com;

3 Enfermeira pela FIP, Especialista em Saúde da Família. sylvanna-lins@bol.com.br;

Referências:

BRASIL. Manual de vigilância da leishmaniose visceral / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. 1ª edição, 5ª reimpressão. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2014.

WHO-World Health Organization. 2015. Leishmaniasis. Disponível em:

<<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs375/en/>>. Acessado em: 02/08/2016.

BRASIL. Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em

Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. 8ª edição revisada. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2015. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?lang=&sigla=pb>>. Acessado em:02/08/2016.

Palavras-chave: Leishmaniose visceral; Zoonose; Óbitos humanos; Paraíba.

A leishmaniose visceral (LV) é uma doença infecciosa e crônica, considerada uma antropozoonose que pode acometer o homem quando este entra em contato com o ciclo de transmissão do protozoário *Leishmania* através do mosquito flebótomo (⁴,⁵). O objetivo deste trabalho foi buscar a quantidade de óbitos notificados e confirmados por Leishmaniose Visceral Humana na Paraíba no ano de 2015 dos usuários do Sistema Único de Saúde - SUS. O cão é a principal fonte de infecção na zona urbana (⁶). No Brasil, a *Leishmania chagasi* é a espécie que infecta o homem, o cão e outras espécies de animais, sendo considerada uma das seis mais importantes zoonoses encontradas no Brasil (⁴). Acredita-se que o costume de ter cães e outros animais no interior das residências facilita a infecção humana (⁵). A LV em humanos pode variar desde manifestações clínicas discretas até as graves, e quando não tratadas, podem levar o paciente a óbito (⁵). O diagnóstico clínico da LV em humanos deve ser suspeitado quando o paciente apresentar: febre e esplenomegalia associado ou não à hepatomegalia (⁴). Este trabalho foi realizado através de buscas no portal DATASUS, onde são encontradas as fichas do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foi selecionado Leishmaniose Visceral (como Agravado), e após Paraíba (Abrangência geográfica). Em seguida foram selecionados 2015 (ano) e Óbito por LV (Evolução do caso). Foram 7 óbitos por leishmaniose visceral humana de casos confirmados notificados no SINAN no ano de 2015 no estado da Paraíba. Deve-se observar que 7 óbitos é um número pequeno tendo em vista que o estado da Paraíba tem 223 municípios, com estimativa de 3.972.202 habitantes no ano de 2015 (⁷). Conclui-se que se deve alertar que mesmo com o número baixo de óbitos precisa-se intensificar as atividades com o combate e prevenção da LV, pois existe tratamento eficiente para humanos desde que diagnosticado cedo e realizado imediatamente para se chegar a cura, e evitar novos casos de usuários com esta doença, assim também evitar novos óbitos.

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DAS AGRESSÕES AOS CÃES E GATOS EM COMUNIDADES RURAIS

NOBRE Cláudia Rafaela Soares¹; ALVES Nilza Dutra²; COSTA Vanessa Kaliane Nunes³; ANDRADE NETO Domingos⁴; SILVA MELO Francisco das Chagas⁵; FEIJÓ Francisco Marlon Carneiro⁶; AMÓRA Sthenia Santos Albano⁷; MARQUES Kayana Cunha⁸; SILVA Thayane Cristina Carneiro⁹; SANTOS Caio Sérgio¹⁰

1 Médica veterinária. claudiasoaresnobre@gmail.com;

2 Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA). nilza@ufersa.edu.br;

3 Discente de Pós-graduação em Ambiente Tecnologia e Sociedade da UFERSA. kalianencosta@hotmail.com;

4 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. Domingos.netto@hotmail.com;

5 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. meloidiarn@yahoo.com.br;

6 Docente do curso de Medicina Veterinária da UFERSA. marlon@ufersa.edu.br;

7 Docente do curso de Medicina Veterinária da UFERSA. sthenia@ufersa.edu.br;

8 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. kayanamarques@hotmail.com;

9 Discente de Graduação de Medicina Veterinária da UFERSA. taianesilva@live.com;

10 Médico veterinário, técnico do laboratório de microbiologia da UFERSA. caiosergio@ufersa.edu.br;

Palavras-chave: Agressões a animais; Comunidades rurais; Maus tratos.

As agressões a cães e gatos são citadas por muitas pessoas rotineiramente nas cidades urbanas e nas comunidades rurais. Essas trazem graves lesões aos animais e podem provocar a morte. Os cuidados com esses animais deverão ser adotados para que isso não aconteça. No entanto, muitas vezes a ausência de dados científicos sobre as agressões nestes animais torna a adoção de medidas difíceis. Desta forma o presente trabalho objetivou verificar a se nas comunidades rurais de Mossoró/RN ocorre agressões a cães e gatos. Para atingir os objetivos foi aplicado um questionário a 129 tutores das comunidades rurais de Mossoró/RN. Foram entrevistados na pesquisa, 129 tutores de cães e gatos. Este trabalho foi submetido ao comitê de ética e pesquisa da UERN-CEP/UERN e aprovado com um nº de parecer 1.020.216 com data de relatório de 07/04/2015. Obteve-se como resultado que ao serem indagados se observaram ou não agressão aos cães e gatos temos, 72,44% da população asseguram não ter presenciado nenhuma forma de agressão e muito menos maus tratos aos animais, inclusive a agressões físicas contra os animais de companhia e 27,55% dos entrevistados asseguraram estarem presentes no momento das agressões aos animais da comunidade, no entanto ao serem indagados se tomaram alguma providência, citaram que não fizeram nada a respeito. Pode-se verificar que mesmo com o percentual de pessoas que observaram agressões sendo menor, ainda é considerado alto, pois deveriam não existir atos de agressões a animais. Ressalta-se que a pergunta se referiu a agressões e foi interpretada como agressões físicas. No entanto, as agressões não são somente físicas e comumente é uma forma de maus tratos. Sendo assim pode-se definir maus tratos contra animais como toda ação ou omissão que resulte de negligência ou atos de imprudência, sendo de ordem física, emocional ou mental. Estando previstos na Lei Federal 9.065/98. E ao presenciar qualquer um desses atos contra os animais, o certo seria o encaminhamento de denúncias a autoridades competentes. Desta forma, pode-se concluir que nas comunidades rurais de Mossoró/RN ocorre agressões a cães e gatos e que é necessário um processo de sensibilização para evitar essas agressões.

LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE VERMINOSE DOS ASININOS DO IFPB - CAMPUS SOUSA

COSTA, Paulo Wbiratan Lopes¹; VILELA, Vinícius Longo Ribeiro¹; FEITOSA, Thais Ribeiro¹; VALENCIO, Bianca Alves¹; SALES, Ítallo Costa de¹; ARAÚJO, Ana Lucélia de¹.

7 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba;

Palavras-chave: Prevalência; Equídeos; Parasitoses.

O asinino representa papel de destaque na história no processo de domesticação do animal pelo homem, possibilitado pelo emprego de sua força para o trabalho e com tração de cargas. Tiveram papel importante no desenvolvimento do Nordeste brasileiro, onde inicialmente, foram utilizados como meio de transporte e de um modo geral seu manejo está associada a criação de bovinos e de tração. Entretanto, os cuidados para com esses animais, por serem considerados de baixo valor, apresentam-se de forma escassa, não respeitando seu manejo sanitário, nutricional e ambiental o que os deixa propensos a infestações parasitárias. Observando esses fatores, buscou-se realizar um levantamento epidemiológico do parasitismo por verminoses nos asininos do Instituto Federal da Paraíba, Campus Sousa. Para esta foram utilizados oito asininos, sendo quatro fêmeas e quatro machos, com idades de 8 a 14 anos. A coleta de material para exames parasitológico de fezes, realizamos a contagem de Ovos Por Gramas de fezes – OPG, no qual foi classificado o grau de infecção parasitária dos animais. Dos animais estudados 25% apresentou uma infecção leve, 62,5% moderada, 12,5% severa. Os asininos apresentavam parasitismo apenas pelo grupo de strongilídeos, parasitos que podem causar distúrbios gastrintestinais graves, como a cólica. Deste modo, apresenta-se como necessária orientação de profissionais sobre o manejo sanitário, a fim de prevenir das parasitoses e preservar a sanidade dos animais. Tal estudo merece ser expandido para outras localidades que utilizem os asininos enquanto animal doméstico ou de tração permitindo construção de uma relação harmoniosa entre a sanidade e bem-estar do animal e do homem.

FRATURA DE TIBIO-TARSO EM GANSO CANADENSE (*Anser anser*) - RELATO DE CASO

CARREIRO, Artur da Nóbrega²; OLIVEIRA, Michel Gonçalves de¹; GOMES, Iara Macedo de Melo³; SOUZA, Joyce Galvão de¹; ARAÚJO, Débora Vitória Fernandes de¹; FIGUEREDO, Moana Barbosa dos Santos¹; SANTOS, Nayadjala Távita Alves dos¹; FALCÃO, Bruna Muniz Rodrigues¹; DIAS, Rômulo Freitas Francelino¹; MENEZES, Danilo José Ayres de⁴;

1 Aluno de Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande

2 Aluno do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Campina Grande.

3 Residente do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande

4 Professor dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Campina Grande.

Referências:

ARNAUT, L.S. **Estudo radiográfico das afecções do sistema esquelético em aves**. São Paulo: L. S. Arnaut, 2006.

CUBAS, S. Z; SILVA, R. C. J; DIAS, C. L. J. **Tratado de Animais Selvagens**. Medicina veterinária. 2 ed. São Paulo: Rocca, 2014.

RUPLEY, A.E. **Manual de Clínica Aviária**. São Paulo: Roca, 1999.

Palavras-chave: Ave; Traumatismo; Osteologia.

Os gansos são aves pertencentes à ordem Anseriformes, que tem sido frequentemente criadas por colecionadores (CUBAS; SILVA; DIAS, 2014). Dentre as lesões e anormalidades musculoesqueléticas que acometem as aves de estimação, destacam-se as fraturas, que frequentemente apresentam-se abertas e contaminadas. Os sinais de anormalidades musculoesqueléticas apresentam-se em claudicações, deformidades dos membros e inchaços articulares. A anamnese dietética, cronológica associadas à um exame físico minucioso pode fornecer dados e características que auxiliem o médico veterinário na escolha da terapêutica mais adequada. O manuseio destes pacientes, vítimas de traumatismos deve ser feito com cautela para não causar lesões adicionais, comprometendo ainda mais o quadro clínico do paciente (RUPLEY, 1999). Quando associado ao exame clínico, a utilização de radiografias auxilia o médico veterinário na melhor compreensão e identificação das lesões do sistema ósseo, visto que estão entre as que mais frequentemente acomete as aves (ARNAUT, 2006). Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Campina Grande, um exemplar de Ganso Canadense que, segundo o proprietário, foi pisoteado por um bovino na região do membro pélvico esquerdo e, após isso, o animal não conseguiu mais deambular. O animal apresentava-se hidratado, com escore corporal e reflexos proprioceptivos dentro dos padrões de normalidade, exceto o grau de dor e assimetria no membro pélvico esquerdo. Foi realizada uma radiografia de ambos os membros pélvicos, onde constatou-se fratura completa de tíbio-tarso e a presença de esquilulas ósseas no local da fratura, caracterizando-se em uma fratura cominutiva de tíbio-tarso esquerdo. A radiolusência apresentava-se dentro dos padrões de normalidade. Iniciou-se o protocolo anti-inflamatório à base de Meloxicam injetável a 2%. Em virtude da relutância do proprietário ao procedimento cirúrgico, foi realizada uma imobilização externa com tala Schroeder-Thomas modificada com o intuito de estabilizar a fratura em conjunto com a terapia à base de Sulfato de Cálcio e anti-inflamatórios não-esteroidais durante 8 dias. No retorno do paciente já era visível a deambulação do mesmo.

SURTOS DE BOUBA AVIÁRIA EM GALINHAS DE CRIAÇÃO DOMÉSTICA NO SERTÃO PARAIBANO.

ARRUDA, Luis Fernando Batista¹, PORTELA, Roseane de Araújo²; MAIA, Lisanka Angelo²; COSTA, Valéria Medeiros³; SOARES, Laynaslan Abreu⁴; DANTAS, Antônio Flávio Medeiros⁵;

- 1 Graduando em Medicina Veterinária pelo IFPB, campus Sousa
- 2 Docentes do curso de Medicina Veterinária do IFPB, campus Sousa
- 3 Médica Veterinária
- 4 Graduando em Medicina Veterinária pelo IFPB, campus Sousa
- 5 Docente do curso de Medicina Veterinária da UFCG, campus Patos

Palavras-chave: Cutânea; Lesões nodulares; Capoeira.

A varíola aviária (boubá) é causada por *Poxvirus avium* e apresentam duas formas clínicas; a cutânea e a diftérica, ambas acometendo de forma mais grave as aves jovens. Descreve-se aqui dois surtos, um ocorreu no município de Sousa em uma criação de 55 galinhas capoeiras de todas as idades, 45,5% das aves adoeceram e morreram. Em Cajazeiras, de 28 aves da raça Rhode Island e 06 caipiras comuns, morreram 14 aves, sendo 02 caipiras. Os perus, periquitos e patos que conviviam com essas aves não foram acometidas. Clinicamente, em ambos os surtos, aves apresentavam estado geral ruim, magreza, e lesões cutâneas variando de 0,3 mm a 1,5cm de diâmetro, localizados principalmente na cabeça, pescoço, dorso, na região dorsal das asas e patas. As lesões variavam em graus de comprometimento, havia lesões iniciais caracterizadas como lesões nodulares não ulceradas, amareladas à rosadas, vesiculares, porém a maioria se apresentavam como nodulares enegrecidas, ulceradas e com presença de crosta. Duas aves foram necropsiadas e amostras das lesões foram enviadas ao Hospital Veterinário de Patos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para serem processados rotineiramente para avaliação histopatológica. Na pele foi observada hiperplasia moderada do epitélio, degeneração balonosa com inúmeros corpúsculos de inclusão eosinofílicos intracitoplasmáticos, espongióse do estrato basal e hiperqueratose. A boubá como uma doença infectocontagiosa pode afetar aves domésticas e silvestres de todas as idades e espécies, porém neste relato as aves jovens foram mais acometidas. A forma tegumentar geralmente não leva a morte, mas a localização das lesões no bico e narinas pode comprometer a sobrevivência do animal. O alto índice de mortalidade neste surto sugere relação com a idade das aves, gravidade e localização das lesões. Neste relato os achados clínicos e epidemiológicos direcionaram o diagnóstico que foi confirmado pela histopatologia. Apesar de ser uma doença bem conhecida e de notificação obrigatória, por ser altamente contagiosa e disseminada em todo mundo, essa doença, por vezes, é negligenciada e culmina em grandes prejuízos econômicos.